

SW

REVISTA PORTUGUESA

SUDOESTE EUROPA PORTUGAL

W 768
Cat. VIII.

SUDOESTE

ÍNDICE DO N.º 3

I Nó do Crepúsculo

Fernando Pessoa

II Soneto

Angelo de Lima

III Serradura

Mário de Sá-Carneiro

IV Conselho

Fernando Pessoa

V Pausa

Luís de Montalvor

VI Super-Estado

Raúl Leal

VII Quando eu nasci...

Alfredo Guisado

VIII Nota ao acaso

Alvaro de Campos

IX As quatro manhãs

José de Almada Negreiros

X Nós a «Presença»

João Gaspar Simões

XI O Fertil desespêro

José Régio

XII Andanças do poeta solitário

Adolfo Casais Monteiro

XIII A Ordem e a Literatura

João Gaspar Simões

XIV Domingo

Saúl Dias

XV Escultura

Hein Semke

XVI Provincia

Carlos Queiroz

Arquitectura:

XVII Algumas palavras e o seu verdadeiro significado

Carlos Ramos

XVIII Espirito Classico

Pardal Monteiro

XIX A Atlantida

Mário Saa

XX Desenho

Sarah Affonso

Luís de Montalvor

Mário Eloy

Visado pela Comissão de Censura

AS
MELHORES
entre as
SARDINHAS
de primeira qualidade
são sempre as

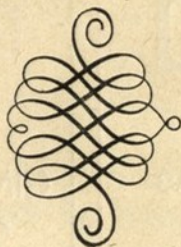
Sardinhas Portuguesas
de Conserva

pela sua pureza

pelo seu sabor

pelo seu preço módico

pelo seu alto valor alimentar




Peça-as ao seu fornecedor

DIRECÇÃO TÉCNICA
 Engenheiros :
 J. Belard da Fonseca
 L. Faria e Maia
 Construtores
 Amadeu Gaudêncio
 Henrique Gaspar

**SOCIEDADE DE
 CONSTRUÇÕES
 AMADEU
 GAUDÊNCIO
 LIMITADA**

**ENGENHARIA
 ARQUITECTURA**



ESCRITÓRIO Rua Dr. Alexandre Braga, 55
E OFICINAS Telef. 43191-43192 - Lisboa

Companhia Portuguesa
 de
 Marmores e Cantarias



TELEF. P. B. X. 2 2522
 2 8840
 END. TELEG. CANTARIAS

◆
 Marmores e Cantarias de
 todas as qualidades para
 todas as aplicações

◆
 A primeira organização nacional
 deste ramo de indústria

SOCIEDADE
 DE
 ENGENHARIA
ERG, L.^{DA}

●
**CIMENTO ARMADO
 CONSTRUÇÕES
 CIVIS**

Rua da Boa Vista, 152-1°
 Telef. 21974 LISBOA

3
6
2106

SW

SUDOESTE

n.º 3

NOVEMBRO DE 1935

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR **ALMADA NEGREIROS**

ADMINISTRADOR **DARIO MARTINS**

Rua Fernandes da Fonseca, 32, 3.º D.—Telefone 4 4106

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

SOCIEDADE ASTÓRIA, L.ª—Regueirão dos Anjos, 68 e 70

Lxa. 1935

Edições SW

SW

— SW n.º 2 agradece as referências de *O Diabo, Fradique e Diário de Lisboa*.

SW

— O *Diário de Lisboa* publicou com o título «Bom Senso» um artigo de João de Barros, extremamente honroso para SW. A falta de espaço não nos permite sublinhar já no presente n.º 3 a franca generosidade do sinatário e também a do autor do eco do mesmo jornal por ocasião da saída do SW n.º 2.

SW

— A falta de espaço, devido à aglomeração de original, impede SW de continuar no presente número o «Encorajamento à juventude portuguesa para o cinema e para o teatro».

SW

— Com uma tiragem especial de 500 exemplares por subscrição apareceu um belo volume de poemas de Carlos Queiroz, com o título de «Desaparecido». Faremos referência literária.

SW

— António Pedro publicou «15 poèmes au hasard» de sua autoria. Edição luxuosa de «UP», Paris, 1935. Faremos referência literária.

SW

— Vai aparecer, em breve, uma colecção de pequenos estudos acerca de artistas modernos de Portugal, dirigida por Artur Augusto. Cada «plquette» conterá cerca de 12 reproduções de trabalhos. A primeira aparece em Dezembro.

NÓS OS DE "ORPHEU"

Anunciou Almada, no segundo número de «SW», que neste terceiro se inseriria colaboração dos que foram de *Orpheu*. Cumpre-se.

Procurámos coordenar, Almada e eu, produções inéditas de quantos figuraram literariamente na revista extinta e inextinguível a que ambos pertencemos. Excluídos, por motivos de estreiteza de tempo e largueza de distância, os dois colaboradores brasileiros — Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens — conseguimos que estivessem presentes todos os outros, com duas excepções, uma delas atenuada com o sacrificio do ineditismo.

De Angelo de Lima, como nada descobrissemos de inédito, decidimos publicar aquele extraordinário soneto — dos maiores da lingua portuguesa — em que o poeta descreve a sua entrada na loucura, em que longos anos viveu e em que morreu. O soneto, se não é inédito, está contudo esquecido. Publicando-o, não deixamos de, saudosamente, fazer lembrar quem, não sendo nosso, todavia se tornou nosso.

Nada porém foi possível incluir de Côrtes-Rodrigues, que é directamente de *Orpheu*, e os poemas de cuja personalidade inventada, Violante de Cysneiros, são uma maravilha subtil de criação dramática. Neste caso a dificuldade foi, como no dos brasileiros, geográfica: estas produções foram coordenadas à pressa, Côrtes-Rodrigues vive nos Açores. Aqui lhe deixamos, num abraço, a expressão da nossa camaradagem de sempre; e o perpetrador destas linhas, velho amigo seu, acrescenta a ela o desejo de que Côrtes-Rodrigues se não embrenhe demasiado, como de há tempos se vai embrenhando, no catolicismo campestre, pelo qual facilmente se aumenta o número de vítimas literárias da pièguice fruste e asiática de S. Francisco de Assis, um dos mais venenosos e traiçoeiros inimigos da mentalidade occidental.

Quanto ao mais, nada mais. Cá estamos sempre.

Orpheu acabou. *Orpheu* continua.

FERNANDO PESSOA

Na impossibilidade de darmos a colaboração de José Pacheco e de Santa-Rita Pintor, aqui deixamos os seus nomes ligados aos de «*Orpheu*».

SW

SONETO

Pára-me de repente o pensamento
 Como que de repente refreado
 Na doida correria em que levado
 Ia em busca da paz do esquecimento

Pára surpreso, escrutador, atento,
 Comõ pára um cavalo alucinado
 Ante um abismo súbito rasgado.
 Pára e fica, e demora-se um momento.

Pára e fica, na doida correria.
 Pára à beira do abismo, e se demora,
 E mergulha na noite escura e fria

Um olhar de aço, que essa noite explora.
 Mas a espora da dôr seu flanco estria,
 E êle galga e prossegue sob a espora...

ANGELO DE LIMA

SERRADURA

A minha vida sentou-se
 E não há quem a levante,
 Que desde o Poente ao Levante
 A minha vida fartou-se.

E ei-la, a môna, lá está,
 Estendida, a perna traçada,
 No infindável sofá
 Da minha Alma estofada.

Pois é assim : a minha Alma,
 Outrora a sonhar de Rússias,
 Espapaçou-se de calma,
 E hoje sonha só pelúcias.

Vai aos Cafês, pede um bock,
 Lê o «Matin» de castigo,
 E não há nenhum remoque
 Que a regresse ao Oiro antigo.

Dentro de mim é um fardo
 Que não pesa, mas que maça:
 O zumbido de um moscardo,
 Ou comichão que não passa;

Folhetim da «Capital»
 Pelo nosso Júlio Dantas,
 Ou qualquer coisa entre tantas
 De uma antipatia igual...

O raio já bebe vinho,
 Coisa que nunca fazia,
 E fuma o seu cigarrinho
 Em plena burocracia...

Qualquer dia, pela certa,
 Quando eu mal me precate,
 É capaz de um disparate
 Se encontra uma porta aberta...

Isto assim não pode ser...
 Mas como achar um remédio?
 — P'ra acabar êste intermédio
 Lembrei-me de endoidecer,

O que era fácil — partindo
 Os móveis do meu hotel,
 Ou para a rua saindo,
 De barrete de papel,

A gritar *Viva a Alemanha!*...
 Mas a minha alma em verdade
 Não merece tal façanha,
 Tal prova de lealdade.

Vou deixá-la — decidido —
 No lavabo de um Café,
 Como um anel esquecido.
 É um fim mais «raffiné».

Paris, Setembro de 1915.

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

CONSELHO

Cérca de grandes muros quem te sonhas.
 Depois, onde é visível o jardim
 Através do portão de grade dada,
 Põe quantas flores são as mais risonhas,
 Para que te conheçam só assim.
 Onde ninguém o vir não ponhas nada.

Faze canteiros como os que outros têm,
 Onde os olhares possam entrever
 O teu jardim como lho vais mostrar.
 Mas onde és teu, e nunca o vê ninguém,
 Deixa as flores que vêm do chão crescer
 E deixa as ervas naturais medrar.

Faze de ti um duplo sêr guardado;
 E que ninguém, que veja e fite, possa
 Saber mais que um jardim de quem tu és —
 Um jardim ostensivo e reservado,
 Por trás do qual a flor nativa roça
 A erva tam pobre que nem tu a vês...

FERNANDO PESSOA

PAUSA

Flauta débil e ligeira, recorta em sonho
 teu ser antigo e triste. Dá-me às coisas e a mim
 um ar de Deus e o teu modo de ser pensante,
 teu modo que está por detrás de ti.
 Ah! plange e chora na minha voz comigo;
 plange divina e bucôlicamente!
 Traduz-me às coisas por outro modo que
 não seja eu... Ó flauta débil e ligeira!
 Trás-me as horas pálidas do desconforto,
 trás-me o sonho prêso nos teus ecos...
 Alivia-me a vida com o teu sôpro vago
 de ilusão, ó ternura sem par! horto
 de embriaguês! jardim suspenso de tristezas!

Solitário instrumento da scisma antiga!
 Mãe fingida, mãe lacrimosa de todas as coisas,
 símbolo de dôr e de alegrias eternas,
 disfarce de mim noutra aparência triste...
 Solta as azas de alegria sôbre a vida!
 Põe uma pausa de pensar nesta paisagem:
 (um vácuo de ser em nós próprios)
 um alheamento de almas em penumbra,
 vago esbôço de ceus falhados, caídos,
 — gesto de tatearmos com a nossa própria sombra...

Pontua a realidade e deixa-me êsse momento
 em que somos uma breve paragem no além:
 — estrangeiros entre os sentidos e o acordamos — ...
 Encosta-me ao seio das horas descuidadas
 e que no frio sono durma o perfil de um Deus.

LUÍS DE MONTALVOR



DESENHO

SARAH AFFONSO

QUANDO EU NASCI...

Que mistério se ergueu quando eu nasci!
Alguém com branco giz num quadro preto
Desenhou meu perfil triste e completo.
E só desde êsse dia eu existi.

Depois, não sei porquê, Alguém esquecido
Apagou co'uma esponja o risco a giz
Do meu velho perfil, e êsse Alguém quiz
Que eu voltasse ao meu nunca ter vivido.

Só ter-me desenhado aquela vez
Bastou p'ra que eu ficasse e não partisse
E teimasse existir-me em altivez.

A porta do meu Sêr ficou aberta...
O risco a giz dentro em minha alma o disse.
O quadro preto a minha sombra incerta...

Lisboa, 1914.

ALFREDO GUISADO

NOTA AO ACASO

O poeta superior diz o que efectivamente sente. O poeta médio diz o que decide sentir. O poeta inferior diz o que julga que deve sentir.

Nada disto tem que ver com a sinceridade. Em primeiro lugar, ninguém sabe o que verdadeiramente sente: é possível sentirmos alívio com a morte de alguém querido, e julgar que estamos sentindo pena, porque é isso que se deve sentir nessas ocasiões. A maioria da gente sente convencionalmente, embora com a maior sinceridade humana; o que não sente é com qualquer espécie ou grau de sinceridade intelectual, e essa é que importa no poeta. Tanto assim é que não creio que haja, em tôda a já longa história da Poesia, mais que uns quatro ou cinco poetas que dissessem o que verdadeiramente, e não só efectivamente, sentiam. Há alguns, muito grandes, que nunca o disseram, que foram sempre incapazes de o dizer. Quando muito há, em certos poetas, momentos em que dizem o que sentem. Aqui e ali o disse Wordsworth. Uma ou duas vezes o disse Coleridge; pois a *Rima do Velho Nauta* e *Kubla Khan* são mais sinceros que todo o Milton, direi mesmo que todo o Shakespeare. Há apenas uma reserva com respeito a Shakespeare: é que Shakespeare era essencial e estruturalmente factício; e por isso a sua constante insinceridade chega a ser uma constante sinceridade, de onde a sua grande grandeza.

Quando um poeta inferior sente, sente sempre por caderno de encargos. Pode ser sincero na emoção: que importa, se o não é na poesia? Há poetas que atiram com o que sentem para o verso; nunca verificaram que o não sentiram. Chora Camões a perda da alma sua gentil; e afinal quem chora é Petrarca. Se Camões tivesse tido a emoção sinceramente sua, teria encontrado uma fórmula nova, palavras novas — tudo menos o soneto e o verso de dez sílabas. Mas não: usou o soneto em decasilabos como usaria luto na vida.

O meu mestre Caeiro foi o único poeta inteiramente sincero do mundo.

ALVARO DE CAMPOS

SUPER-ESTADO

ABERTURA — A NATUREZA DIVINA E INDIVINA DO HOMEM —
 COMO PODE A SOCIEDADE POSSUIR OU NÃO POS-
 SUIR LIVRE ARBITRIO DIVINO PARA DEVER DIRI-
 GIR-SE OU NÃO DEVER DIRIGIR-SE POR SI PRÓPRIA—
 OS IMPOTENTES PARLAMENTOS MODERNOS E OS
 PARLAMENTOS-ACADEMIAS—OS PRIMEIROS TO-
 LHENDO OS MOVIMENTOS DOS GOVERNOS E A
 ACÇÃO DA JUSTIÇA AO CONTRÁRIO DOS SEGUN-
 DOS—VALORIZAÇÃO ESPIRITUAL DOS PODERES
 DO ESTADO — A SOCIEDADE DAS NAÇÕES, GRANDE
 PARLAMENTO INTERNACIONAL, NÃO UNIVERSAL,
 PERANTE OS PRINCÍPIOS ESTABELECIDOS — OS
 VERDADEIROS INTERESSES NACIONAIS PERANTE
 UM ESTREITO CRITÉRIO NACIONALISTA — ULTRA-
 NACIONALISMO E ULTRAINDIVIDUALISMO: O INFI-
 NITO EM CADA SÊR — SUPER-ESTADO — A ORDEM
 DO DIVINO PARACLETO — ULTRAPROMETHEU —
 O ANIQUILAMENTO DA CIVILIZAÇÃO POSITIVISTA
 — O REINO DA VERTIGEM

«Que os códigos se transformem em tratados e os parlamentos em academies!» Isto afirmei eu, há anos, num dos três artigos que publiquei no jornal monárquico, *O Liberal*, sôbre parlamentarismo e legislação, nos quais foram defendidos por mim pontos de vista absolutamente novos.

Segundo a opinião que quero impor ao mundo — refiro-me evidentemente ao Futuro pois o presente nenhuma relações pode ter comigo — o legislador deve procurar na essência anímica da humanidade em geral e dos povos em particular — enquanto houver povos distintos — a fonte dos princípios jurídicos que pretender lançar na vida para *profundamente* a orientar. É assim, antes de mais nada, o interprete fundamental das almas humanas, devendo-as pois conhecer inteiramente como alto psicólogo e psicossociólogo, e como são elas próprias quem pode conhecê-las e interpretá-las, como são elas o único interprete de si próprias que pode adquirir a máxima perfeição desde que as almas desenvolvam por uma educação adequada a consciência do eu — decerto a mais alta faculdade do homem que por isso mesmo com dificuldade se tem desenvolvido mas que precisa de se desenvolver infinitamente, absolutamente, visto que só ela impõe em absoluto a personalidade humana — não resta dúvida que o legislador, assim profundo interprete do que há de essencial no espírito da humanidade, só pode ser a própria humanidade, não evidentemente um ser à parte, coisa que não se sabe o que seria.

Mas é forçoso que *tôda* a humanidade legisle para si própria e fundando os princípios legais nas exigências transcendentales, espirituais da sua própria natureza anímica, do seu próprio ser? Infelizmente não é forçoso porque tal

aspiração é mesmo, hoje, impossível de se realizar, mas o ideal será que um dia se torne realizável, pois só quando tóda a humanidade pudêr dirigir-se por si própria *essencialmente* é que ela atingirá a mais alta perfeição, tocando o espírito de Deus. De Deus que é da humanidade, da Vida a essência criadora! E para o provar, vou traduzir o começo do meu tratado, em preparação, duma nova filosofia, intitulado «*Vertige Astral*».

I

«Sente-se que há absolutamente em nós, em tóda a nossa actividade mental, qualquer coisa que existe, sente-se que há pois em nós Existência que não podia deixar de ser pura, visto que a impura conteria elementos de inexistência que seriam a sua anulação. Mas essa Existência absolutamente pura é então tão puramente ela própria, *de uma forma tão sublimada*, que não é senão o essencial de Existência, todo surgido em abstracto, metafisicamente descarnado, enfim, todo abstracionado para surgir em tóda a sua pureza verdadeiramente abstracionizadora e fazer que a Existência que não é mais do que êle, possa exprimir-se da mesma forma pura, excessiva (*outrée*) através da qual, com efeito, ela se descarna, *se sublima* tão absolutamente que acaba por se absorver inteiramente e não se exprimir pois senão enquanto que Essência abstrata, Essência abstratamente em si — não Substância Existente — que não é mais do que um espírito abstrato, *vaziamente* abstrato de Existência, produto derradeiro da sublimação metafísica desta, enfim da sua purificação absoluta. Todavia nesse estado supremo a Existência, não surgindo mais do que abstratamente como espírito dela própria, *todo vazio* dela, não surgindo enfim senão *no que exprime em abstrato* e não enquanto que concretamente, *realmente* ela própria, a Existência, digo, nesse estado todo sublimado, desaparece — ou não aparece —, aniquila-se então em absoluto para surgir apenas como Vácuo, para surgir como Nada (Néant)! Mas visto que só o seu purismo a descarna metafisicamente, a sublima a ponto de a reduzir a simples Essência abstrata, *vácuo-espírito* de Existência no qual esta se ultrapassa e se dissipa sempre, visto que só êsse purismo a aniquila pois continuamente, a aniquila eternamente e visto que êle a faz surgir porêem (*quand même*) como absolutamente Existência, a faz surgir enfim absoluta e então *eterna* — doutro modo, no caso de ser sômente temporal, a Existência que há em nós, não seria senão contingente, efêmera, tóda débil, não pois absoluta, absolutamente, puramente Existência — ela tem necessidade, para manter a sua eternidade através do seu puro aniquilamento que não cessa nunca, de surgir do Nada (Néant) duma forma continua, ela tem pois necessidade de continuamente *se criar*: mas sempre como Existência absolutamente absoluta, Existência excessivamente pura, *vácuo-espírito* de Existência. Dêste círculo não se sai nunca. Ora êsse espírito criativo que a Existência possui essencialmente em absoluto, NÃO É SENÃO DEUS!»

Fica assim estabelecido que a Existência sublimada *que há em nós*, possui uma essência divina, que nós possuímos uma natureza essencialmente divina, onnipotentemente criadora. No entanto, pertencendo-nos essa natureza *em absoluto*, para tal se dar sem dúvida surge em nós absolutamente, como qualquer coisa de Absoluto, *de em si*, e surgindo *em si* através de nós ou da Existência-Eu (da Existência que sentimos, que *intuicionamos* no eu) surge como sendo só absolutamente ela própria, isolada, separada de tudo, separada de nós e por absolutamente nos pertencer, conforme foi dito. Assim o absolutismo de indistinção leva a pura, absoluta distinção entre o homem e Deus que

sendo o que há de mais alto no Mundo, na Natureza, no Eu — o Mundo, a Natureza não é mais do que o nosso mundo de impressões-pensamentos, identificando-se assim com o Eu e *em absoluto*, para o que possui absolutismo, surgindo então, do mesmo modo que Deus, como qualquer coisa de *em si* e pois distinta do Eu, de nós através da referida indistinção pura —, que sendo o que há de mais alto no Mundo, na Natureza, no Eu, repito, visto que é o seu espírito onnipotentemente criativo, enquanto que distinto está *puramente acima* de nós que sem Ele nada somos. E desta forma Deus, estando puramente *acima* de nós, *acima* da Natureza — Natureza-Eu — é todo substancialmente *sobrenatural*. Mas é enquanto que distinto de nós, da Natureza, do Mundo que Ele possui uma substância sobrenatural e como é o absolutismo de indistinção que leva à pura distinção sobrenaturalizadora entre o homem e Deus, aquele não deixa de ser Este essencialmente ainda que através do facto de não O ser. E nestas condições, se o homem se pode sentir humildantemente não-Deus, também se pode sentir orgulhosamente Deus, *tudo dependendo do seu estado de espírito*. Quer dizer: visto que a distinção é tão rial como a indistinção o homem pode colocar-se no ponto de vista duma ou doutra ou de ambas simultaneamente que é quando se torna completo, perfeito e quando pode sentir-se Deus *na Sua substância e grandeza sobrenaturais* (sente-se indistinto de Deus, sente-se Este absolutamente mas como também O sente *sobrenaturalmente* distinto através do seu sentir-se indistinto, como sente assim a *substância e grandeza sobrenaturais* de Deus através do senti-Lo como sendo a sua própria essência *natural*, o homem sente-se dêste modo Deus *com a Sua substância e grandeza sobrenaturais*, isto é, com aquilo que O impõe em absoluto, tornando-O um puro Superior! é sentindo-se distinto através de indistinto e não apenas indistinto que o homem pode sentir-se, *pode ser* Deus enquanto que puro Superior, pura Grandeza Sobrenatural: supremo motivo de Orgulho!); o homem coloca-se em qualquer dos pontos de vista referidos segundo a sua disposição de momento *motivada metafisicamente pelo que se passa na rialidade*; dizer que ele se coloca por essa variável disposição de alma ou no ponto de vista da distinção entre ele e Deus — ponto de vista *terrestre*, isto é, aquele que o faz surgir só como terra, como barro inconsistente, até mesmo como pó, cinza, nada, fazendo-o surgir absolutamente impotente — ou no ponto de vista da indistinção — ponto de vista do *monismo* que leva ao *panteismo* através do qual o homem-Deus (ou Natureza-Deus) não surge ainda com grandeza e poder sobrenaturais, poder de puro Superior, o único poder absoluto, o único que é verdadeiramente onipotência divina — ou no ponto de vista da indistinção-distinção — o verdadeiro ponto de vista *divino*, o único que dá ao homem o supremo poder criador que não mais surge afastado dele ou nele diminuído por não se exprimir em absoluto (*em si*), isto é, distinto através da indistinção —, dizer que ele se coloca por essa variável disposição de alma, repito, em qualquer dos pontos de vista referidos é o mesmo que dizer que eles correspondem, *cada um de per si e pois em separado*, a uma rialidade absoluta! Trata-se sem dúvida duma rialidade *absoluta, objectiva* que se dá *subjectivamente, relativamente* através de simples pontos de vista humanos, mas é sempre assim que surge o Absoluto!

E com efeito se a Existência absoluta — o mesmo que o Absoluto — se exprime tão pura, *tão sublimada* que é só Essência — não propriamente Substância Existente —, se ela se exprime assim no fundo só como espírito vazio de si própria, *não verdadeiramente como sendo ela própria*, é que a Existência, em vista do seu purismo sublimador, vaziamente essencificador, *sai* de si própria deixa de ser um *Próprio* (*Absoluto*), exprimindo-se então como um puro *Outro* (um *Fora dela*), isto é, como qualquer coisa de puramente *Relativo* (o que é

relativo é bem Outro, não é um Ele próprio, um *absolutamente* Ele próprio). Mas a Existência exprime-se assim como Relativo, exprime-se assim relativamente por excesso sublimador de purismo, isto é, por excesso de *absolutismo*. É por ela ser excessivamente, absolutamente, puramente Absoluto, tão puramente que é mais do que Absoluto, sendo este enquanto que sublimado, enquanto que ultrapassado, isto é, surgido só no seu espírito abstrato, *vaziamente* abstrato em que com efeito se ultrapassa mas dissipando-se *também*, é por ela ser assim Absoluto numa forma sublimada, excessiva, pura que é *igualmente* Relativo, dando-se relativamente, subjectivamente, através da sua objectividade da Absoluto. É por isso que se exprime através do nosso senti-la, do nosso concebê-la, é por isso que a-pesar-de Absoluto, *objectivamente* Absoluto nós a podemos sentir, conceber, fazendo-a pois surgir como qualquer coisa de simplesmente *subjectivo*. E quando falo da subjectividade da Existência, do Absoluto falo da nossa própria subjectividade, sendo a Existência, o Absoluto só Eu, só nós e mesmo por ser relativa, subjectiva através da sua pura objectividade substancial. Por esse motivo ligado a um outro. Com efeito o que é Absoluto, *em si* está tão absolutamente em si próprio, concentrado pois em si próprio que chega mesmo a *sentir-se* e até a *criar-se*: só o que se cria a si próprio e em puro sentir-se, portanto com absoluta consciência, isto é, *por vontade*, só esse está no seu próprio ser *absolutamente* (a ponto de o ultrapassar — *de sair dele* — não esqueçai). Mas então se o Absoluto é um Criar-se em Sentir-se, sendo pois Consciência ou Vontade Criadora, a sua natureza é bem puramente anímica, natureza de Eu, a natureza de nós (e bem de nós, isto é, de pura Pluralidade visto que o Absoluto, a Existência absoluta é Existência infinita, é o Infinito; este, sem dúvida, é pura Unidade por tudo nele o ser absolutamente, não havendo nada nele que não o seja assim — doutra forma não seria totalmente, absolutamente, verdadeiramente Infinito —, não havendo pois nada que seja só parte de Infinito que não se divide deste modo em partes — tudo no Infinito é Infinito para que ele o seja em absoluto —, que é pois um puro Indivisivelmente pura Unidade; mas se o Infinito é pura Unidade, na sua grandeza absoluta de Existência não pode também deixar de ser pura Pluralidade que é o que impõe essa grandeza, que é o que a torna imensa, absoluta, dando-se pois o caso de cada elemento dessa Pluralidade ser todo o Infinito, não parte de Infinito para que através dela se mantenha a Unidade; e assim a Existência-Absoluto, a Existência-Infinito é uma infinidade de seres, de eus que são todos um só Sêr, um só Eu por cada um ser todos os outros, ser todo o Infinito: através de ser só ele próprio para dar realidade à Pluralidade).

A Existência-Eu, a Existência-Nós é então, como disse, Vontade Criadora, é pois com efeito Deus que porém, conforme mostrei, é tão distinto como indistinto dela que O pode viver assim em si própria, fora de si própria e simultaneamente dos dois modos que é quando O vive completamente, em toda a Sua natureza. Essa Existência que é Eu, que é Homem, e portanto o Homem pode sentir-se, viver-se como sendo Deus no Seu espírito sobrenatural, na Sua omnipotência divina, e pode igualmente sentir-se, viver-se como Infinito, como Universo; mas também pode sentir-se, viver-se como distinto, separado de Deus e do Universo, do Infinito pelas razões acima expostas. E então não é nada!

Ora o homem hoje está muito longe de se sentir Deus e Universo e há homens que se colocam neste afastamento, neste ponto de vista desolador ainda mais do que outros, alheando-se por completo da sua própria essência divina, do seu essencial poder criador, alheamento que lhes dá uma absoluta impotência visto corresponder a uma *realidade*, à *realidade* da distinção entre Deus e nós a qual nos tira o poder divino. Evidentemente esses homens, assim

impotentes, não podem dirigir-se por si próprios mas como tãda a humanidade, por uma auto-educação adequada, pelo desenvolvimento da consciência do eu pode mudar de ponto de vista, tomando consciência da sua natureza essencialmente divina e por ela lhe pertencer *na rialidade*, quando se aproximar dëste estado supremo estarã quãsi a adquirir a onnipotência de Deus e deverã dirigir-se por si própria nesse sentido: ela procura então tomar consciência da sua natureza essencialmente divina, procura sentir pois em si própria a onnipotência criadora de Deus e portanto estã apta a dirigir-se por sua própria iniciativa com êsse fim, visto que sã o procura quem possui uma forte personalidade, uma personalidade possuidora assim dessa aptidão. Aliã — e isto é que é muito importante considerar-se — a sociedade que tende a sentir-se, que tende a ser Deus — a viver o aspecto *absolutamente rial* (como os outros) da distincão em *indistincão* de Ele e nã — absorve jã vagamente a vontade, o livre arbítrio divino e êste dá-lhe por direito a suprema direcção de si própria. É claro, nã é de súbito que tãda a humanidade poderã viver no ponto de vista que a divinisa, nã é pois de súbito, dum momento para o outro que ela deverã dirigir-se tãda por si própria atravãs da posse do livre arbítrio divino, do verdadeiro poder conscientemente, voluntãriamente criador de Deus o qual tãda ela nã poderã adquirir instantãaneamente visto se ter afastado muito dele por uma *Queda* desastrosa que eu estudo nas minhas obras, explicando-a teometafisicamente (por exemplo: no meu poema apocalíptico em preparaçã, «*Dieu-Satan*», e no tratado teolãgico, tambem em preparaçã, «*La Folie de Dieu*»); a humanidade terã primeiro que impãr a si mesma uma profunda auto-educaçã concentrativa, terã que primeiro desenvolver muito o poder da concentraçã que lhe darã uma forte consciência do eu, que a farã mergulhar puramente em si própria atã atingir a sua essência divina e adquirir dela o poder e a vontade criadora; e como se tem mantido demasiadamente afastada do abismo dos sãres, como tem vivido demasiadamente uma vida exterior, superficial, empírica, uma vida sã de Terra alhejada de Deus, alhejada da profunda essência das almas, é-lhe agora difícil, complexo aprofundar-se atã se divinisar, atã tomar posse do seu próprio íntimo, a única fonte de poder e vontade criadora, a única fonte de pura onnipotência. Nestas condiçães, havendo homens com mais facultades de se aprofundarem do que outros, a êsses, a essa elite terã que se sujeitar provisãriamente o resto da humanidade para que ela a encaminhe no sentido duma progressiva divinizaçã, a mãmima imposiçã do eu! Mas hã um estado intermãdio que grande parte da humanidade e depois tãda ou quãsi tãda a humanidade poderã a pouco e pouco adquirir antes do estado fortemente divinizante que lhe darã a facultade de se dirigir *directamente* por si própria; êsse estado intermãdio é aquele em que ela jã tem a facultade de saber escolher os seus condutores mentais e morais, facultade adquirida por uma auto-educaçã progressiva, de carãcter concentrativo, adquirida num progressivo concentrar-se, numa consciência do eu cada vez mais desenvolvida; e dëste modo tais condutores, tais guias, tais *legisladores* são bem os legítimos representantes dessa sociedade que os escolheu, e legítimo é tambem que essa representaçã seja o mais lata possivel, isto é, seja tanto quanto possivel a imagem, o reflexo da própria sociedade; um nũmero restrito de legisladores não constituiria essa imagem duma imensa pluralidade de sãres que são pode surgir verdadeiramente representada numa outra vasta pluralidade, numa outra ampla, verdadeira sociedade que seja assim bem o reflexo da total. E é isso que justifica a existãcia de parlamentos!

(Continua)

RAÚL LEAL

AS QUATRO MANHÃS

PRIMEIRA MANHÃ

Quando eu cheguei devia ser tarde,
já tinham dividido tudo
pelos outros e seus descendentes.
Só havia o céu por cima dos telhados
lá muito alto
para eu respirar
e sonhar.
Tudo o mais
cá em baixo
era dos outros e seus descendentes.
A terra inteira
e o mar
e o ar
tudo medido
dividido tudo a régua e compasso
pelos outros e seus descendentes.
No mundo inteiro
não faltava ninguém
depois dos outros e seus descendentes.
A terra inteira
era estrangeira
mais este pedaço onde nasci.
Não me deixaram nada
nada mais do que o sonhar.
Eu que sonhasse!
E eu que amo a vida mais do que o sonho
e o sonho e a vida juntos
mais do que ambos separados
e que não sei sonhar senão a vida
e que não sei viver senão o sonho
hei-de ficar aqui
entre os outros e seus descendentes?

Eram meus os caminhos
os caminhos murados
só os caminhos eram meus.
Só tinham fim os caminhos
ao começar outros caminhos.
As portas fechadas
as janelas cerradas
só os caminhos eram meus.
A minha viagem não tinha fim
no fim de todos os caminhos.
O fim que tinha era outro
bem perto de mim
em todos os caminhos.

Bem perto de mim andava
aquele que eu buscava,
aquele que não era nenhum dos outros e seus descendentes,
alguém cuja pessoa era eu
que não me achava.

Apenas uma voz me falava e sabia
que eu não era nenhum dos outros e seus descendentes.

E êsse que a voz sabia que eu o era
me levava pelos caminhos
os meus olhos primeiro do que eu
e o coração no peito a contar.

A voz sabia-o bem
e eu para me encontrar
Também vi pelos caminhos
lembro-me de quantos
também como eu
à procura de tantos como êles.

Perdidos vão
perdidos? não!
não achados
não achados ainda.
Perdidos não estão
vão perdidos por se acharem,
vão mortos por se verem a si-próprios
como são.

Levam o sonho no ar
e o coração a contar
as idades que é preciso ter
até cada um ser
aquele que vai em si.
Nascer é vir a êste mundo
não é ainda chegar a ser.
Nascer é o feito dos outros.
O nosso é depois de nascer
até chegarmos a ser
aquele que o sonho nos faz.

Já sei de cór os caminhos
já sei o que vale a promessa
já vejo perfeito no sonho
o que me há-de a vida imitar.
Mais além
e o sonho e a vida
libertar-se-ão um do outro em mim!

SEGUNDA MANHÃ

P'ra que me meteria eu a ver por onde ia a vida
que dei por onde ia
e não em meu favor!

Eu perdi a vez de ser simples,
perdi a vez feliz de ignorar,
perdi a sabia ignorância,
perdi a graça de não saber.
Deixei passar a vez de ir na corrente
e de ser como tôda a gente
às carambolas da sorte.

Eu perdi a vez de ser analfabeto,
êsse segredo para não ser doutor
e para não saber também
o que as letras sabem
do mundo e de mim.

Eu perdi a vez de não ter instrução,
a vez sagrada de não saber lêr,
a vez daquele que não sabe
que é como a de quem não vê.
Mas ser ignorante não doi
não doi tanto como não ignorar!

Eu deixei passar a vez de ir na onda
e de ter o entendimento repartido pelos mais,
começaram por ensinar-me as letras
e as letras acabaram por dar comigo
e eu vi-me então diante de mim
despegado da onda e da corrente
diferente de tôda a gente
independente da multidão.

Eu perdi a vez de ser da multidão
(esta comodidade por mim perdida);
já deixei de fazer parte,
inteiro o destino me fez
inteiro a vida me tornou.

Os meus gestos metade são meus
e metade ainda da multidão.
Eu incomodo-me a mim-próprio,
é pequeno o meu corpo para mim!
Sou pior do que eu-próprio
ou eu próprio não caibo em mim?
Como se eu estivesse no cinema
e visse do meu lugar
ser eu-próprio o personagem
do enrêdo que está no programa;
como se eu estivesse diante do espelho
e no espelho a minha imagem
tivesse vida própria
que não dizia comigo
imóvel diante do espelho;

como se um disco de gramofone
 ou a T. S. F.
 dissesse com a minha voz
 e eu ouvisse
 o que nunca eu disse com a minha própria bôca;
 assim me encontrei a mim-mesmo
 um dia
 quando eu julgava fazer parte ainda da multidão.

Mas quem escreveu êsse enrêdo
 que eu represento no personagem de mim?
 (Não! não é isto que eu quero perguntar)
 Quem me fez o protagonista de uma vida que eu não sonhei?
 Quem filmou o meu sêr enquanto eu me sonhava?

O meu sonho é bem melhor do que no programa
 que hoje o destino me dá!
 Eu sempre sonhei com ser Eu
 mas não como me vejo no film,
 nem como me olho no espelho,
 nem como me oiço no disco,
 nem como digo na rádio!

Quem alterou o espelho?
 quem falsificou o disco?
 quem torceu o enrêdo?
 quem mentiu a minha voz?
 Eu não aqueci quiméras
 nem preguiceei fantasias
 nem rabisquei confusões,
 nada que não fôsse eu
 e dignidade.
 Eu não viajei aventuras
 senão legitimidade.

Porque me trocam então por outro igual a mim
 tão igual a mim que eu-próprio já m'os confundo?
 Porque há-de ser êsse, tão igual a mim,
 e não eu-próprio de quem êle se faz o igual?
 Porque há-de ser precisamente êsse eu que me inventaram
 e não êste mesmo que eu me ganhei?

Acaso não é legítimo que eu me tivesse ganho?
 Quem mais cuidaria de mim
 ou melhor do que eu próprio?
 E quem é que tem mais tempo do que aquele que necessita para si-próprio?
 Sabeis o que seria de mim se eu-próprio me não tivesse ganho?
 — Um simples,
 um para quem se marca a direcção das setas,
 um anjo no meio de parafusos,
 mais cinqüenta quilos de gente no pêso da multidão!

Assim ao menos eu sei perfeitamente
 que aquele que eu sou no film,
 aquele que eu estou no espelho,
 aquele que eu oiço no disco,
 aquele que eu falo na rádio,
 é uma tradução de mim
 com geitos de agora,
 onde cada qual tem a idade de todos!
 oh todos!
 todos ainda não é ninguém!
 Hoje todos não é nada!
 Amanhã talvez.
 No futuro sim.
 Quando todos fôrem a soma dos cada uns
 quando cada *cada* fôr cada qual
 então sim
 então bravo
 então eureka
 todos já serão alguém!

Entretanto não é o celuloide que mente
 nem o mercúrio do espelho,
 nem a cópia do disco,
 nem as ondas do ar,
 e eu assisto-me a mim-próprio
 representando o que não sou
 um papel que não faço
 num enrêdo onde não existo
 senão para que não se desacerte a multidão,
 senão para que não se corte a onda,
 senão para que não se altere a corrente,
 senão para que o público siga o programa
 e passe mais umas horas dêste mundo!

Como hei-de eu — o próprio
 livrar-me do público e da multidão,
 livrar-me da corrente e da onda,
 livrar-me de todas as côres da multidão e do público, da onda e da corrente?
 Se bem que eu não faça parte dêles
 as suas imensidades cobrem o mundo
 e com a forma do mundo parecem inteiras!

Como hei-de eu — o próprio
 levar-me a salvo
 e deixar em terra firme
 a minha legítima vida intacta?
 Hei-de gastar a minha existência inteira
 a guardar para quando
 a minha legítima vida intacta?
 Por quanto mais tempo
 digam!

por quanto mais tempo
peço-lhes!
hei-de estar comigo à espera?
Digam lá que não há-de chegar-me a vez
da minha legítima vida intacta!

Ao sabôr da corrente deixar-me-ei ir na onda
e estarei bem atento até que chegue a minha vez.
Já tenho o hábito de andar comigo no meio da multidão:
já sei fazer-me sua parte sem me perder de vista.
Leve-me para onde me leve a multidão
eu a trago sempre bem justa a mim
a minha legítima vida intacta!

Tenho um amigo que também vai na onda
e tem uma história igual à minha.
Diz o amigo que a nossa história é muito antiga
e já os antigos lhe puzeram nome
p'râ não confundir com as outras histórias.
Chamavam-lhe Eternidade
e era o sonho daqueles que querem mais do que têm.
O sonho não acabava
nem acabava a onda
nem acabava a corrente
nem acabava a gente.
Quem acha pouco a onda,
quem acha pouco a corrente
e ainda por cima quere ser gente
fica assim eternamente.

Mas por hoje basta.
Hoje já é muito tarde
hoje já se esgotaram todas as esperanças que havia para hoje
não serve de nada insistir.
Ainda não foi hoje que chegou a vez
da minha legítima vida intacta.
Não deram resultado todas as esperanças
que eu tinha pôsto no dia de hoje.
Mas amanhã se Deus quizer
logo de manhã muito cedinho
todas as minhas esperanças começam outra vez
à procura da minha vez.
Já sei que primeiro vê-se a estrêla do futuro,
antes do futuro vê-se a estrêla,
dizem que a estrêla está quâsi pronta
para ser vista pela primeira vez uma madrugada
e assim todos os dias
sempre
até que eu acabe.

TERCEIRA MANHÃ

Quando cheguei aqui
o que havia estava no fim
e o que estava por vir
andava disperso pelo sonho de alguns.
Mas a maioria
vivia
o seu dia a dia
e todos contentes
por serem todos assim.
Eles não davam pelo fim
quanto mais pelo que já assomava mais além.
— isto que já começava nos sonhos de alguém.

E foi terrível isto de viver o que há-de vir
entre os que apenas usam o que ainda há.
Era como se tivessem apostado todos
em não me deixarem chegar
ao que eu andava a sonhar.
Emquanto poudes fiz-me louco medido,
dêstes que andam à solta
sem ser preciso encerrá-los.
Encontrei exactamente a medida de escapar à medida dêles
e sem estragar a medida de ninguém.
Sem eu o saber fiz todo um método
tôda uma arte de atravessar a multidão.
Fiz-me invisível no simulacro de mim.
Mas guardava-lhes a surpresa
que tinha guardada em mim.
E foi aqui que eu me enganei:
A minha surpresa só serve para mim e para o futuro
e não cabe nêstes dias de hoje
que já foram os sonhados por outros.
A minha surpresa ainda é só para mim
ainda é só o meu sonho que já nasceu para mim e para o futuro
e que tem apenas côr,
côr que ainda não tem nome,
nome que ainda não tem feitio,
feitio que ainda não faz perfil,
perfil que ainda não se desvenda,
é apenas inconfundível,
e a-pesar-de ainda não estar registado
apenas o tempo sabe que já aqui chegou.

E aqui me tendes chegado
ao único a que eu quiz chegar:
saber o sítio da estrêla
que ilumina o meu lugar.
oh estrêla do meu sonhar!
Sem a tua luz própria

sem o teu distante cintilar
 tão fixo lá do teu lugar
 eu não podia achar aqui
 o sítio do meu mistério.
 Aqui me tendes alfim chegado
 diante do meu próprio mistério.
 Agora tudo é concorde e imenso
 tudo se liga e conclue.
 Nada do que eu faço é ainda provisório
 como na minha meia vida de ontem,
 a metade de espera da nova metade que vale por duas!
 E assim tinha de ser:
 eu jamais saberia nada
 senão através das minhas próprias dimensões,
 senão à luz da minha estrela,
 à luz da aurora do meu mistério.
 Que o pobre do mundo clama
 para que desvendamos cada qual os nossos próprios mistérios!

QUARTA MANHÃ

Um ângulo da terra diante de mim
 com o vertice no meu olhar.
 Ora junta em montes
 ora raza nos vales
 assim segue a terra até ao mar,
 e antes ainda de lá chegar
 a própria terra já parece o mar.
 A luz do dia mostra a natureza
 e os meus olhos vêem.
 A minha imaginação dá respiração à natureza
 e de cór completa-a com o resto do redondo
 o que além do ângulo à terra faltava.
 Não só a paisagem os meus olhos viam
 mas a terra inteira no seu verdadeiro tamanho,
 não como a possam ver os olhos
 mas como a imaginação
 tem modos de medição.
 E mais do que a sua própria grandeza
 eu via também,
 via com os olhos e a imaginação
 todas as idades da terra
 em tôda a sua duração.
 Tudo começava lá, ao princípio,
 num ponto:
 um simples ponto sem dimensão,
 e do qual partiam depois todas as linhas
 todos os ângulos, cones e sectores
 de uma esfera infinita
 da qual a terra era uma pequena reprodução
 e eu uma pequena reprodução da terra.

Desde o ponto inicial até mim
a linha era única
e não pertence hoje
senão a mim.
No ponto inicial nasceram todos os destinos, até os destinos sem dono.
Jamais perdi o tempo com o mistério dos outros
ainda mesmo que as nossas vidas se cruzem.
Não são as nossas vidas actuais que se comunicam
já sei
mas sim os nossos mistérios que dialogam.
E eu acabo de chegar apenas ao limiar do meu mistério.
Eu tive d'inventar-me um génio discretíssimo
para escapar através dos séculos à mecânica das actualidades.
Para chegar até aos meus próprios pensamentos,
aos meus pensamentos só meus,
eu tive muitas vezes de dar voltas ignóbeis!
Mas até que cheguei aqui
a isto que eu buscava,
e que é o principiar em mim.
Desde o ponto inicial
Já tudo começou para mim
e passados séculos e séculos
eu hoje vou exactamente em mim.

1915-1935

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

BREVEMENTE
"ORPHEU 3"

NÓS "A PRESENÇA"

SW quis reunir nas suas páginas colaboração dos colaboradores da revista que se chamou *Orpheu* e da que se chama *Presença*. *Orpheu* existiu, *Presença* existe. A revista *Orpheu* corresponde ao período heróico do «modernismo» português. Nas suas páginas ficaram impressas algumas das obras mais «revolucionárias» que se têm escrito em Portugal. Mas o *Orpheu*, como revista literária, teve apenas em vista agrupar um certo número de individualidades com pontos de contacto entre si, talvez pelo único motivo de cada uma ser uma individualidade e ter uma individualidade. Por mais aparentemente harmónico e conexo que pareça, o grupo do *Orpheu*, como movimento harmónico e conexo, jámais existiu. Honra lhe seja, não era outro o seu objectivo. Do *Orpheu* ficou-nos a obra de Mário de Sá Carneiro e a de quantas *individualidades* nele colaboraram e depois dele subsistiram como *individualidades*. Cada uma destas obras existe em si mesma, pelo menos na medida em que cada uma destas individualidades em si mesma existe.

Não se dá outro tanto com a revista *Presença*. Antes que se definisse qualquer individualidade dentro do grupo dos que podem ser considerados como fazendo parte do número constitutivo da *Presença*, já o pensamento da *Presença* se havia definido. *Presença* é como que uma «pessoa moral» mantendo uma individualidade susceptível de direitos e obrigações, completamente autónoma em face das individualidades que a constituem, e delas independente. Quem se quiser dar à fadiga de folhear os nove anos de existência da revista *Presença* será recompensado com a confirmação do que antes fica expresso: desde as palavras com que José Régio abre o primeiro número da revista, em Março de 1927, àquelas com que, em Abril de 1935, responde aos que, por ausência de centro de gravidade humana, o andam procurando onde ele não pode estar, *Presença* define, criticamente, um *pensamento literário*. Sejam quais forem as barreiras que se levantem entre os que fazem parte desse núcleo constitutivo da *Presença*, *Presença*, só por si, mantém e manterá uma individualidade. Pode-se dizer que a *Presença* definiu uma estética. Não é mesmo senão por isso, pela nitidez com que ela definiu, desde há longos anos, entre outras coisas, a independência total da arte em face dos interesses humanos de condição social e política, que ela pressupõe mas não serve, não é mesmo senão por isso, e pela integridade dos seus pontos de vista e o desinteresse da sua finalidade, que lhe não escasseiam os ataques.

Orpheu e *Presença*, revistas a que SW quis ir buscar os seus colaboradores, gentileza a que a *Presença*, pela sua parte, não pode deixar de ser sensível, são pois, quanto a nós, movimentos que entre si se distinguem pela razão de o primeiro não ter existido senão enquanto existiu, num momento dado, uma revista com esse nome; e o segundo por ter existido e continuar existindo independentemente das individualidades que se dão por seus elementos constitutivos.

Eis porque se não pode escrever com propriedade «Nós, os da *Presença*», como, com propriedade, Fernando Pessoa escreveu «Nós, os do *Orpheu*», mas só com propriedade se poderá escrever, como escrevi, «Nós, a *Presença*».

JOÃO GASPAR SIMÕES

SEXTO POEMETO

D E

« O FÉRTIL DESESPÊRO »

Chorar? Desprezo-me, se choro.
 Gritar? Quem muito grita,
 Sei bem que ainda não chegou, senão
 Às primeiras surpresas da desdita.
 Lutar? Sim, meus instintos lutarão...
 Mas seja, ou não, em vão,
 Ganhe, ou não ganhe, loiros,
 Vá, ou não vá, desbastar moiros,
 Sei que a ventura que é minha
 Brilha Lá onde o ar cá dêste mundo é irrespirável...
 Só essa me vale a pênal!
 Só essa me não é mesquinha.
 Sei-o!
 Mas, porque o sei,
 Tôda a vida me é dura
 E me condena.
 Assim,
 Também já sei o que há-de ser de mim.
 Por não poder sofrer outra ventura:
 Ganhe, ou não ganhe, loiros,
 Vá, ou não vá, desbastar moiros,
 Sei que hei-de ver o meu cadáver esquecido,
 Pisado pelas patas dos cavalos
 Dos amigos
 E inimigos.
 Sei que os meus loiros, irão êles reclamá-los...
 ;Poderei eu invejá-los,
 Eu, que tenho a minha estrêla,
 Nem que a não possa alcançar?
 Roje-se na aflição o que é em mim de se rojar
 Nessa aflição mesquinha:
 A culpa é minha,
 A debilidade é minha,
 Se a vida não é bela!

(Do livro a aparecer «As encruzilhadas de Deus»).

JOSÉ RÉGIO

ANDANÇAS DO POETA SOLITARIO

*Esta doçura esparsa em tudo
(Que noite para amar a vida!)*

RIBEIRO COUTO

I

Aquela noite de beijos e carícias indecisas...
Amaste-me, talvez, nesses momentos — só nesses momentos.
Aquele recanto de aldeia esquecido no meio da cidade,
a noite perfeita,
a paz imensa daquela hora breve
— essa indizível magia de certas noites imensas...
sim, amaste-me talvez nesses breves momentos
em que fomos apenas a Mulher e o Homem,
— tu, liberta da tortura de analisar sem fim
os teus sentimentos por êste e por aquele;
eu, capaz por uma vez de não pensar os meus gestos
e tendo apenas a voz do mais obscuro instinto.
A natureza em volta aniquilava as nossas biografias,
e não havia senão a extática presença da terra e dos astros,
e perdidos nela, nós, tão pobres, tão abandonados,
purificados de tôda a nossa miséria,
tão Eva e Adão antes da maçã comida,
nós, vivos em nossa carne bem humana,
tecendo nas linhas embriagadas das nossas carícias
o véu que nos escondia a memória dos outros.
Que importam as palavras que dissemos,
as juras que fizemos!
Que nesse momento, em cada um de nós
as palavras do outro eram já sabidas antes de ser ditas,
e o tumulto dos nossos corpos,
e o tumulto das nossas almas,
e a maré viva da nossa perfeita comunhão,
e o espriar-se da nossa ternura sôbre o mundo
eram a única Palavra que valia!

II

Paz! poucas vezes soubeste descer à minha vida,
ah, e bem poucas, de mãos femininas,
desceu sôbre mim unção que te trouxesse!
E porisso, companheira dessa noite,
de tôda essa pobre história que vivemos
afloira sempre, na hora do recolhimento solitário,
o breve esplendor dêsses momentos...

Porquê tanta mentira, tamanhos disfarces?
Tanto veneno corrompendo a nossa vida,
e os dias que passam,

e as nossas bôcas seladas para a palavra de amor e de carinho?!
 Porquê o silêncio quando estamos de amor,
 a máscara, a voz contrafeita, o falar doutra coisa?
 Que maldição nos corrompe
 para assim nos fecharmos no quarto enregelado?

Miséria... e os dias passam,
 e a vida vai tecendo à nossa volta o seu arame farpado,
 e lá vamos, a bôca fechada, a palavra intacta,
 tão miseráveis que nem sabemos já da nossa degradação...

III

Tanta palavra gasta
 e tanto silêncio por fim!

Todos se cansaram em murmúrios e rugidos,
 e de que lhes valeu?
 Quem ouviu
 a inexprimível voz lá bem do fundo,
 incapaz de se formar em nossos lábios?
 Quem soube
 entreabrir o silêncio
 e lá,
 aninhar-se na doce temperatura da nossa intimidade?

IV

Indiferente ao frio, aos temporais, aos medos,
 esperei, no limiar, tempos sem fim...
 Esperei, aberta a porta, que se visse
 o doce conforto acolhedor da casa,
 e como era sincero o meu convite.
 Mas... estava talvez demasiado aberta, a porta,
 e era demasiado sincero o meu convite...

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

PRE
 SEN
 ÇA

FOLHA
 DE
 ARTE
 E
 CRITICA

RUA MIGUEL BOMBARDA, 516
 PORTO
 6 NÚMEROS POR ANO

Meditação sôbre um problema de alguma importância: a ordem e a literatura

A ordem na Sociedade e a ordem na Literatura

Parece-me que a palavra é uma das armas que o português melhor maneja. Não são muitos os portugueses fadados com o dom da palavra escrita que se esqueçam de aproveitar esta para uso dos seus interesses inconfessáveis. Note-se que friso muito intencionalmente: os *portugueses fadados com o dom da palavra*. Em geral, entre nós, anda o carro adiante dos bois. Primeiro aparece o *dom da palavra* e só depois o *dom da idéa*. Só em Portugal se usa chamar a um homem que escreve—prosador, indício de que o que o distingue dos outros é a faculdade de *escrever prosa*, isto é, de fazer uso do seu *dom da palavra*. É ainda porque o *dom da palavra* sobreleva ao *da idéa* que um português não tem dúvida de discorrer com aparente lógica e real verbosidade acêrca de problemas irresolúveis com palavras.

Uma das questões mais insidiosamente conduzidas por certos portugueses bem fadados pelos deuses do verbo é a que se prende com a literatura em face da ordem. Começa-se por confundir os interesses da sociedade com os interesses da literatura. Com uma inalterabilidade de ânimo digna de admiração determina-se que sociedade e literatura sejam uma e mesma coisa e, em seguida, generalizam-se às duas leis que apenas a uma dizem respeito. A sociedade precisa de ordem, diz-se, isto é, de respeito pelos princípios que em determinado momento a regem, logo, como conclusão imediata, a literatura, para ser superior, *deve respirar ordem*.

É evidente que se trata de um jôgo de palavras. Ordem é uma palavra com um significado geral que poderá ser, por exemplo: «tranqüilidade resultante da submissão às leis». Resta, porém, investigar se as leis às quais o cidadão se deve subordinar para que haja ordem na cidade são da mesma natureza daquelas a que o artista deve submissão para que haja superioridade na literatura. É bom observar-se desde já que a finalidade do cidadão pode ser, e é quasi sempre, ordem, enquanto que a finalidade de um escritor é *expressão*. Por onde chegamos facilmente a compreender que não se coadunam os objectivos da sociedade com os da literatura. E, assim, se as leis a que o cidadão carece de subordinar-se para viver em ordem são do domínio jurídico, as a que deve subordinar-se o escritor são de natureza estético-psicológica. É evidente que o direito regula as situações em que o cidadão se encontra na cidade. Convém, à face dos interesses da comunidade, que os homens se não atropelem. Legislar para a sociedade será sempre um acto de conciliação e de autoridade. O objectivo visado pela lei é abstracto— a sociedade. Para uma abstracção pode legislar-se, não se pode legislar para cada uma das realidades individuais de que uma comunidade social se compõe. Ai do legislador que pretenda cumprir a sua missão incapaz de visar o abstrato! Se o legislador tiver a veleidade de, legislando, visar cada uma das parcelas de que a sociedade se compõe, breve descobrirá haver relatado leis que entre si se atropelam.

Como conciliar, então, os interesses da ordem social com os interesses da literatura?

Não é certo estar de há muito provada a não existência de obras de arte colectivas? Quem acreditará ainda numa arte popular anónima? Afigura-se-nos

verdade definitiva aquela que nos diz tôda a criação artística ser de fonte individual. Onde estiver uma obra de arte literária estará, sem nenhuma dúvida, uma individualidade humana. A que vem então dizer-se que a literatura não dará frutos superiores desde que o artista não obedeça à ordem? A que vem confundir-se os interesses da sociedade com os interesses da literatura? É possível legislar para uma abstracção, dizíamos nós, desde que o interesse em vista seja abstracto — a ordem social. Como, porém, legislar para a literatura, se uma obra de arte literária é a coisa mais concreta do mundo pois tem o seu principio e o seu fim no homem individual? Enquanto criador, a ordem colectiva é perfeitamente indiferente ao artista, pois a única realidade onde êle mergulhará as suas raízes não deixará nunca de ser o seu coração e as suas entranhas. E se se quiser dizer que é na ordem que êle e a sua obra prosperam, cometer-se-á um erro. A ordem na cidade só lhe poderá ser perniciosa, porque a obediência à lei feita para conciliar as diferenças dos homens à sombra de abstractas semelhanças podê-lo-á constringer a ocultar o que, sendo nêle diferente, era a única razão da sua existência como artista.

Camões — poeta oficial?

É evidente que a ordem se não poderá conseguir sem o respeito pelas leis. Aspirar à ordem é aspirar à obediência. Obedece-se quando se renuncia a opôr à autoridade a personalidade. E será possível arte sem personalidade? Não haverá incompatibilidade entre criação intelectual e obediência às leis graças às quais um povo vive na ordem, respira ordem, é feliz na ordem?

Que mais importará a um artista — exprimir a sua mensagem de homem a quem foram dadas inteligência e sensibilidade originais e autónomas ou a conformação sistemática à sociedade onde a sua existência se desenvolve, em vista de não comprometer as leis a que ela deve a ordem que respira? Artista que afine a sua inteligência e a sua sensibilidade pelo tom dos interesses abstractos de uma comunidade social é de tôda a evidência que se prepara para morrer. Ou o artista é um valor individual que, pelo facto de o ser, possui uma voz sua e um juízo seu próprios, ou é um elemento anónimo da sociedade incapaz de a ela se impor. Neste segundo caso não há arte mas adulação.

Não é difícil compreender que uma individualidade superior, pelo facto de o ser, em vez de se deixar modelar pelas outras individualidades procure modelá-las. Individualidade, personalidade, temperamento, tudo aquilo por que um artista se define diferente dos que o rodeiam, forçam-no a mostrar-se um valor em face de outros. Tôda diferença implica opposição, e um artista, porque é um homem diferente, é um valor de opposição. Daí o seu inconformismo. Conformar-se é renunciar a ser-se diferente. Aquele que se encontra em harmonia com as leis que regem a sociedade onde o acaso o faz nascer não pode adiantar-se de um passo ao ritmo de essas leis. Logo total inibição para ser uma individualidade. Quando Eça de Queiroz escreve *O Primo Bazílio*, *O Crime do Padre Amaro*, ou mesmo *Fradique Mendes*, coloca-se imediatamente em opposição à sociedade em que vive. Para que Eça de Queiroz fôsse conformista não poderia ter-se arriscado a criar um *Conselheiro Acácio*, já de si, evidentemente, personalização de um juízo crítico acêrca dos costumes e das leis que regiam a sociedade do tempo de Eça de Queiroz. Dir-se-á que um poeta que, como Camões, canta as grandezas da sua pátria é exemplo capaz de comprometer o que afirmamos. Não será Camões um poeta conformista? Não. Se Camões tentou conformar-se com a sociedade do seu tempo, o que sabemos da sua vida prova que a sociedade do seu tempo não o aceitou como um valor de

ordem e submissão. Inútil exemplificar. Mas não serão *Os Lusíadas* documento capaz de nos convencer de que realmente Luiz de Camões foi a personificação do poeta oficial a quem coube o encargo de exaltar as virtudes cívicas dos homens da sua época? Quando Camões empreende a composição de *Os Lusíadas* caminhava já para a ruína a obra levada a cabo pelos Gamas e Albuquerque. Camões é em *Os Lusíadas* não um elemento de adulação da sociedade em que vive e dos homens que dirigem os destinos da nação portuguesa no momento em que êle, Camões, passa fomes e tormentos — mas sim um evocador de um passado morto grandioso. Camões não encarnava as determinantes políticas do seu tempo, antes talvez tivesse em mente *criticá-las*. O que êle cantava não eram virtudes e excelências presentes — as virtudes de então eram outras, e tão mesquinhas e tão baixas que nos levaram à perda da independência. Cinquenta anos antes, Camões não teria talvez escrito *Os Lusíadas*. Gil Vicente não os escreveu, e êsse, sim, respirou a atmosfera crepitante da *Glória Nacional*, e a êsse nem o ter sido um poeta de côrte o impediu de ser o mais inconformista e mordaz poeta que ainda a nossa literatura conheceu.

Literatura e adulação

É porque os escritores não sabem adular nem servir que a sociedade se desinteressa do destino dos maiores deles. A sociedade tem razão. Os seus fins não podem ser desinteressados. Se os homens, para poderem viver, põem em comum os seus interesses, é justo que a sociedade não favoreça nem proteja aqueles que contra ela erguem a voz. O escritor não tem o direito de se lastimar uma vez que não renuncia a exprimir-se, isto é, a mostrar-se um sêr capaz de pensamentos e aspirações opostos ao interesse social. Para que fôsse outro o procedimento da sociedade, outro deveria ser o do escritor. A sua voz não se deveria elevar nunca discordante da voz colectiva, isto é, contrária aos interesses da colectividade.

Não condenemos, pois, a sociedade pelo seu mau comportamento para com os escritores. É justo, à luz dos interesses sociais, que o ser anti-social, ou a-social, nada espere do organismo que aos olhos dos governantes não sabe servir. Tarde ou cedo chegará, todavia, ocasião de essa mesma sociedade saber colher os frutos que na obra do escritor lhe não sejam nocivos. Isto porque a obra de arte literária não é realmente *inútil* à sociedade. Medite-se bem nisso: O escritor não é inútil — é in-utilizável como valor de apropriação imediata pela sociedade. De resto, como é natural, a verdade está no que êle diz, não no que dizem as leis ou as vozes adulatoras daqueles que nasceram para falar em nome dos «interesses sagrados da comunidade». Êsses, e as suas obras, sofrerão o destino das próprias sociedades, qual é o de nascerem e morrerem, visto ser bem compreensível e estar melhor provado que as sociedades nascem e morrem. Quando muito, o interesse das suas obras será histórico: o valor da actualidade eterna perder-se-á logo que se tenham perdido as condições históricas à sombra das quais elas germinaram. E se não é verdade haverem morrido as tragédias de Racine, escritas num momento histórico em que a sociedade pareceu aparrar os seus *enfants terribles*, como não morreram as fábulas de La Fontaine, talvez seja porque essas obras nunca perderam de vista os grandes modelos clássicos, que discretamente imitaram. O século de Luiz XIV é, como todas as épocas em que os intelectuais se deixam espetar nos alfinetes que a sociedade, pela mão dos seus chefes, delicadamente lhes introduzem no dorso, — uma época de imitação. Imitar não é criar. Arte que não cria não é arte, mas artifício. Fazer arte por imitação é tarefa dos hábeis; e é bem fácil de aceitar que nunca

a habilidade a si própria foi prejudicial. Um artista capaz de imitar é um artista capaz de servir. Por isso Racine serviu Luiz XIV, como Vergílio serviu Augusto. Os trágicos gregos ou Homero, aqueles modelos de Racine, êste de Vergílio, não serviriam quem quer que fôsse...

A prosperidade social e o espírito

De facto não faltam compêndios de literatura e história onde se leia que a tal periodo de prosperidade e ordem social correspondem tal florescimento das artes e das letras. Arte e letras beneficiam aparentemente dessa prosperidade. Não falta quem relacione fecundidade intelectual com bem estar material. Por exemplo: marxistas e fascistas. Embora por motivos diferentes, — se não opostos — neste particular estão de acôrdo. Contudo, nem a Rússia de hoje logrou revelar ainda ao mundo um Dostoievsky, nem a Itália de hoje nos parece destinada a revelar outro Dante (exilado da sua pátria durante vinte anos, e protagonista de exaltadas lutas políticas). Tanto a um como a outro não bafejaram a protecção dos poderosos nem a ordem da cidade. Uma vez que marxistas e fascistas estão de acôrdo em que a sociedade se deve servir dos seus intellectuais para que os intellectuais dela se possam servir, como explicar que de tal acôrdo nenhuma obra verdadeiramente genial tenha saído ainda? Não era justo que a Rússia e a Itália possuíssem hoje os maiores escritores do mundo? É ou não verdade que costumam coincidir revolução politica e revolução intellectual? Eis onde sérias dúvidas se podem levantar. Revolução politica não a há, realmente, sem revolução intellectual. Simplesmente a revolução intellectual precede a politica: jãmais coincidem. Grande revolução intellectual é a que no século XVIII prepara a revolução politica e social francesa. Será preciso citar nomes? Tolstoi e Dostoievsky que são senão os verdadeiros precusores da revolução Russa. Efectivamente Antero, Oliveira Martins, Eça de Queiroz, Herculano viveram num periodo de verdadeira decomposição politico-social, mas a êles se deve a revolução que ao depois se realizou. O espírito só é fecundo quando prepara. Ao seu calor fundem-se os preconceitos, revolvem-se os alicerces de princípios falsos ou caducos. Depois, de novo os preconceitos se alapardam. Tudo se prepara para ficar imóvel. Não podem cohabitar o móvel e o imóvel. Com efeito há epocas de fecunda agitação mental; não se creia, porém, que o espírito é coisa que esteja em qualquer parte à espera de lhe prepararem condições de seguro desabrochar. Não é a ordem social preparada pelo politico que dá condições favoráveis à fecundidade e exercício do espírito. Erro grosseiro. Seria reduzir o espírito a bem pouca coisa. Intellectuais, escritores, artistas, êsses, sim, são êsses quem, pela sua sempre renovada aspiração de justiça, de beleza, de liberdade, de paz metafísica a si mesmo se sacodem sacudindo o mundo com êles. E, depois, só ao depois, é que o politico, homem da terra, se apercebe de que a revolução está feita — e vem fazer a revolução...

Lisboa, Julho de 1935.

JOÃO GASPAR SIMÕES

DOMINGO

I

Tarde quieta de domingo,
quieta, quieta...
Joga ao ar a bola preta
o menino.

Só a música inquieta
um pouco...
(o perpassar, talvez, do espírito louco
do Músico-Poeta...)

E, na varanda,
as rosas brancas
pendem sôbre a estrada.

Quem acendeu as luzes
em pleno dia?
... ..
Tanto de quâsi nada!...

II

Na tarde morna
uma ave esvoaça
e vai cair,
ferida,
em plena praça.

O relógio entorna
as horas do entardecer.

Que bom morrer
por esta hora!...

Já dobra o sino...

Que bom!... Que bom!...

— P'ra que decoras
a lição,
menino?

ESCULTURA

Estimado amigo e mestre Diogo de Macedo,

Ao lêr no «Diabo» o seu artigo sôbre a minha obra, veio-me à ideia dar-lhe uma curta narração da minha vida. O amigo mostrou uma grande compreensão por mim e pela minha obra, e talvez nestas linhas veja de novo confirmado, o seu parecer.

Sou alemão do norte — hamburguês. Meu pai descende de uma antiga família de lavradores e navegadores. Minha mãe é alemã da fronteira do Erzgebirge. Não eramos ricos e 8 crianças queriam ser alimentadas; por isso estava minha mãe sentada todos os dias à máquina de coser, para que aos seus filhos não faltasse o pão de cada dia. Nesta faina fatigante estragou minha mãe a sua saúde e faleceu de tuberculose pulmonar, tinha eu então onze anos! Os meus irmãos foram viver com parentes, eu porém fui metido num orfanato. A excepção foi feita, por eu já ter um espírito muito crítico e por se saber, que aos meus pequenos olhos não escapava a mais leve minúcia.

Eu só conhecia a liberdade da grande cidade e a mão ligeira e carinhosa de minha mãe, sempre pronta a perdoar. Estava acostumado a estar só — bastas vezes depois da escola me havia escondido em qualquer canto a lêr — embora com a mesma freqüência me tivesse entregue com os meus companheiros (amigos eram raros) a jogos bravios, em que nos sentíamos índios e salteadores convictos.

Quando minha mãe vivia, faltava às vezes o pão, mas eu estava livre e muito se perdoava. Porém, agora estava submetido a um severo regulamento. Não era permitido empreender qualquer coisa por si, só havia a ordem e o castigo.

O orfanato mandou-me para o campo, onde com onze anos tive de fazer o trabalho de um adulto. Diariamente 4 a 5 horas de escola, e antes e depois trabalhos rurais — brincadeira não havia.

O que me valia era ter sempre bastante para comer. Depois de meio ano voltei ao orfanato e forçoso me foi dizer adeus à relativa liberdade da aldeia. O regulamento reivindicava de novo os seus direitos.

Queria ser professor ou padre. Deu-se, porém, agora um incidente, que por insignificante que pareça, devia dar outro rumo à minha vida. No orfanato estávamos distribuídos por grupos. À testa dêstes grupos estava um tutor, que era antes um inspector.

Na nossa sala de estada havia duas compridas mesas, às quais estávamos sentados durante as refeições. A mesa do senhor tutor, porém, estava sôbre um estrado, do qual êle reinava sôbre nós como um soberano. Recebíamos comida muito simples, mas muito abundante. No entanto o senhor tutor comia em nossa presença um opulento menú de muitos pratos. Eu, como mais velho do grupo, tinha a honra de servir a comida ao senhor tutor. Estranhava que nos dessem pão do vulgar, ao senhor tutor, porém, bolos e assúcar. E eis porque succedeu um dia que dei a comida do senhor tutor a comer aos meus companheiros de grupo, e a êle próprio um prato da por mim tão odiada sôpa de arroz com batatas. Não quero fazer mais comentários, mas isto foi considerado um acto de rebeldia. Apanhei muita pancada e arresto. Mas ao sair do arresto deu-se um novo incidente. Alinharamo-nos para a chamada, na qual, tínhamos de mostrar as nossas coisas. Nós, 400 rapazes, tínhamo-nos formado numa longa fileira dupla, distribuídos em 14 grupos. A inspecção começou pelos mais

pequenos. De repente vi o sr. director dar a um miudo uma bofetada tão forte, que o pequeno caiu no chão. Ver isto, deixar cair as minhas coisas e atirar com a minha escova de calçado à cabeça do sr. director, foi obra de um momento.

De novo pancada e arresto, e adeus desejos de me fazer professor. A todos os alunos era indicado como um modelo de deturpação, como um gatuno. Os meus co-órfãos — crianças são com frequência crueis — insultavam-me agora diariamente. Os tutores atiçavam sempre de novo este ódio infantil. Só o meu professor de classe me protegia, porque me considerava o melhor aluno do instituto. Nesta atmosfera de ódio tive de ficar ainda 2 anos. Depois, como não se quizesse deixar perder o meu talento, fui dado em aprendizagem a um comerciante, com autorização de meu pai. Primeiro estava contente em sair do instituto, mas depois aborrecia-me o trabalho. Repugnava-me vender a um 2 pfennigs de pimenta, a outro 1 quilo de sal, e meias a um terceiro. Depois de um ano fugi, mas como meu pai tivesse feito um contrato, fui novamente trazido pela policia. Isto succedeu ainda 2 vezes.

Entretanto veio a guerra e eu alegrei-me quando pude ir ser soldado. Depois de curta instrução fui para o leste, para a Rússia. Mais tarde fui com um destacamento especial para a frente de oeste. Aqui na frente de oeste, nas covas das granadas, nas poças lamacentas da Flandres aprendi a conhecer a guerra — *mas não a amá-la*. Coberto de lama, atormentado pela fome e pela sede, ouvia eu as granadas martelarem-me no cérebro: «A guerra é um assassinato, — é um crime, — é um disparate. — Porquê, mas porquê? Não há um Deus, que intervenha quando homens e material endoidecem? Não haverá outro meio de tratar entre os povos, a não ser a guerra?» Não encontrava resposta. Era novo, não tinha ainda vinte anos e não eram muitas as vezes que sobrevinham estas ideias.

— Novembro de 1918. — Armistício. — Fim da guerra. Tinha-me tornado apático, — mal reparava no que acontecia em minha volta —, só a pergunta interior se fazia ouvir com mais força, agora, que o grande inferno da guerra estava atraz de mim.

Em Março de 1919 fui demittido do exército e voltei a Hamburgo. Arrancado pela guerra a um desenvolvimento socegado, muito do que para mim havia tido valor se tornara insignificante e insensato. Não encontrava o caminho de regresso da guerra à paz.

Em Hamburgo estava tudo em barafunda. Barulho seguia-se a barulho — e eu como que nadava nesse meio. Os meus olhos tinham-se tornado mais videntes. O que inconscientemente jazera no meu fundo quando criança irrompeu então de mim clara e firmemente. Queria ajudar a encontrar o caminho para uma melhor ordem entre os homens. Fui por todos os caminhos, por bons e por maus, mas sempre com o ardente desejo do bom e do sublime.

A guerra havia terminado. O exército fôra despedido. Tinha novamente de cuidar de mim mesmo. — Trabalhei como operário em construções, em estaleiros de navios, etc., e depressa perdi todo o trabalho, por me recusar a pertencer a qualquer organização sindical ou politica. Tôda esta luta brutal por privilégios tinha perdido para mim o seu sentido.

Durante meses fui em Hamburgo vendedor de jornais, o que, porém, não me satisfazia. À noite ia a conferências, ia à universidade como ouvinte voluntário, procurava e procurava — mas só encontrava a presunção humana e a cubiça do poder.

Hamburgo enojava-me por fim; fui portanto para o território do Ruhr, onde se me oferecia trabalho. Trabalhei em minas, em pedreiras e numa fundição. Aqui estava empregado como serralheiro auxiliar. Uma vez fazia eu com

um colega uma reparação num guindaste móvel, que levava minério para o alto forno. Trabalhávamos, mas o guindaste tinha de ficar em movimento. De repente um grito surdo — o meu colega havia sido literalmente esmagado pelo guindaste, — morto. O guia do guindaste não tinha reparado em nada, o trabalho continuou, porque o alto forno necessitava do seu alimento. O que contava porém essa vida Humana? Saí da fábrica sem dizer palavra, fugi da cidade — e percorri a Alemanha. Não um dia, mas durante muito, muito tempo. Tinha às vezes que comer, outras vezes não. Pensava em muitos assuntos, ou também em nenhuns. Só andar, andar, para longe de todas as localidades, onde o homem só é considerado matéria prima. De vez em quando trabalhava.

Conheci muitos fadários, uns sem salvação, outros como o meu: de lutadores sem socêgo.

Vivi durante semanas com ciganos. Esta gente apêga à natureza era boa para comigo — deram-me de novo camisa e sapatos, porque eu não possuía quasi nada. Caminhei para diante.

Travei conhecimentos com tôda a espécie de bemfeitores universais e de apóstolos. Um andava em camisa, trazia uma corda à cintura e só comia batatas cruas e cenouras. Procurou convencer-me, que da sua maneira de vida dependia a salvação do mundo. Outro tinha sido oficial aviador durante a Grande Guerra. Possuía então como eu, só calças e camisa e muitos, muitos piolhos; prêgava-me durante semanas a necessidade do retôrno à comunidade germânica de antes de Cristo. As suas opiniões valeram-lhe mais tarde, depois de longos anos uma farta colheita.

Encontrei muita gente vil, comilões e bêbedos. Alto!, também a vós santos não devo esquecer. Estava novamente em Hamburgo; na praça da Câmara. Passa um homem curvado, os cabelos longos e a barba emaranhada, na mão uma lanterna a arder.

Segura a luz bem alto e exclama constantemente: «procuo o homem, onde está o homem?» A policia prendeu-o. Mais tarde vi-o de novo, em longas vestes brancas, distribuindo prospectos em que provava que era «Cristo». Isto era Alberto D., um pintor que enloquecera na grande guerra. *Sulw*, ex-trabalhador do porto, fugiu da sua familia, chamou-se *Johannes*, fez-se prêgador ambulante e teve muitos partidários. Mais tarde lá voltou a maneiras burguesas.

E tu, tu, Lon Häusser, o maior dos intrujões entre êles, a ti não se deve esquecer. Antes da guerra fôste em Paris fabricante de vinhos espumosos, depois apóstolo na Alemanha. Dizias-te o único e verdadeiro sucessor de Cristo. Tiravas o dinheiro aos parvos dos burqueses e insultava-os depois; beberricavas muito álcool e vivias com cinco ou seis mulheres duma vez. Como bom final encontraste gente que te proclamou candidato ao Reichstag e até à presidência do Reich. Agora já morreste há muito tempo, também tu um louco da grande guerra?, ou um charlatão? Quem sabe onde estão os limites?

E ainda tenho de pensar em «um». Organizou em Hamburgo as prostitutas e argumentava: essas mulheres são as mais sofredoras da humanidade; só elas, que sofrem a mais profunda das dores e a maior das vergonhas, serão também tomadas por dignas da mais alta misericórdia, e como tais nos ajudarão à salvação.

Sim, há gente curiosa. Enumerei apenas alguns casos de pessoas que pude estudar minuciosamente e com quem convivi algumas vezes, porque eu lutava. Muitos dentre êles já morreram, ou vivem em qualquer parte solitariamente. Eu, porém, caminhei e caminhei. Estive nos países fronteiros da Alemanha, depois novamente em Hamburgo, trabalhando de vez em quando e sempre lendo muito. Depois veio o ano de 1929.

Tinha então passado por muitas profissões, como cervejeiro, empregado bancário, criado de mesa. Estive também empregado nas organizações de providência social; outras vezes fui operário de construção civil, pintor de navios, carregador marítimo, etc., etc. Nada era demasiado ordinário para mim, nada demasiado sujo, mas em nenhuma parte encontrei o caminho do socêgo.

Na primavera de 1929 — já tinha então mais de 30 anos — estava finalmente farto de viver. Dei um belo dia todos os meus livros e todos os meus parcos haveres, conservei só o vestuário mais indispensável, juntei o meu pouco dinheiro, fui a uma agência de navegação, olhei para uma lista de vapores, li o nome de Lisboa — era-me indiferente para onde ir — comprei um bilhete para lá e parti no «Cap Arcona» para Portugal, país que me era completamente desconhecido. Por recomendação encontrei trabalho numa fábrica de malhas em Chelas. Era de novo simples operário e lidava com uma máquina de fazer malhas, objecto que dantes nunca vira, e ganhava o meu pão. O meu ordenado era exactamente tão pequeno como o de todos na fábrica. Já não sei hoje como conseguia viver com êle.

Todos os sábados e domingos ia passear ao campo. A pouco e pouco fui conquistando a beleza da paisagem portuguesa e comecei a amá-la. Senti a sua grandeza rude, e achei o homem tão pequeno em comparação. Li mais tarde a História de Portugal, reconheci a importância mundial de Portugal em tempos idos. Vi a grandeza, mas também a decadência. Aprendi depois lentamente a conhecer o simples homem do povo português, que ganhou a minha simpatia e a minha consideração.

Depois de conhecer um pouco os portugueses, comecei a ter maior compreensão pela paisagem e ainda maior consideração pela sua história. Hoje sei: Portugal, o país situado no extremo da Europa, terá novamente de cumprir a sua grande missão e — eu sinto — êle cumpri-la-á, porque forças enormes encontram-se em estado latente no povo português.

Entretanto continuava com o meu trabalho na fábrica. Foi-me aumentado o ordenado, tornei-me qualquer coisa como contra-mestre, mas não encontrava repouso interior. Trabalhei muito, sem agradecimento.

Um dia fui-me abaixo; os nervos, o corpo falhou. Pedi uma licença, para reaver a minha capacidade de trabalho. Foi-me recusada, e em 1930 tive de voltar para Hamburgo. Fui levado para o hospital e depois de muitas semanas foi-me dada alta, como inapto para o trabalho.

Em todo êste espaço de tempo tinha-se operado em mim uma grande transformação. O meu desejo de actuar, de ajudar na reconstrução do futuro, transformara-se numa vontade decidida.

Reconheci, que devíamos tornar de novo mais simples a nossa maneira complicada de pensar e de agir. Não deveria porém, ser um «para trás», mas sim um «ávant». Mas como devia eu agir?

Em longos passeios falei eu com uma amiga sôbre as minhas possibilidades. Uma tarde disse-me a amiga: deves ter qualquer coisa nas mãos, deves modelar, deves formar qualquer coisa.

Como um relâmpago reconheci claramente que ela tinha razão. «Criar» coisas novas, colaborar por mão própria.

No dia seguinte, era em Novembro de 1930, fui ao director da Academia de Arte de Hamburgo e pedi-lhe para ser admitido na academia. Êle pediu trabalhos ou desenhos executados por mim. Eu não tinha ainda nunca desenhado, nunca pintado, nunca modelado. O director fitou-me longamente, riu-se e disse: pode começar amanhã com a aula de cerâmica. Eu fui lá e aprendi a rodar e formar vasos e bilhas. Mal duas semanas depois fui admitido na

sua classe pelo professor de artes plásticas. Nada me foi fácil, por vezes quasi desesperava, mas sempre fui ávante.

Em meados de 1931 adoeci novamente, o clima era demasiadamente áspero. Fui freqüentar em Stuttgart a Academia. Trabalhei ali um semestre; depois fálhou o pulmão. Estive doente durante muito tempo e em Outubro de 1932 voltei com ajuda de amigos de novo para Lisboa. Queria reaver aqui a minha saúde e avançar no campo das artes.

O que se segue agora é-lhe conhecido, pois que lhe foi dado presenciá-lo. Linda-a-Pastora tornou-se a minha segunda terra natal. Aqui me curei moral e corporalmente.

As colinas de Linda-a-Pastora deram-me de novo o meu socêgo, de maneira que hoje vejo como artista e como homem claramente o meu caminho em minha frente. Não é êle fácil de trilhar, e eu quero aprender ainda muito, porque desejava poder dar muito.

Há 5 anos que estou agora nas artes plásticas, que se tornaram o meu modo de vida. Que elas poderam vir a sê-lo, devo eu à máxima *antiga*: que Deus é o Senhor, e Cristo o único medianeiro entre Deus e o homem. Eu, o homem, não passo de uma pequena criatura de Deus, mas nada acontece, sem que Deus o saiba e queira. Por mim, como artista lutador sei, porém, a-pesar-de todas as pseudo-verdades, que:

«Só a religião, só Deus constitui o verdadeiro fundamento de qualquer manifestação artística, o único estável. Sem Deus não há homem, sem religião como único fundamento, não há artista.

Mas o artista também só tem uma responsabilidade: a responsabilidade perante Deus, disso me quererei lembrar sempre.

Meu caro Diogo de Macedo, talvez estas linhas lhe digam alguma coisa, ou talvez se ria. Seja como fôr considero-o um amigo, e cumprimento-o cordialmente.

HEIN SEMKE

PROVINCIA

Se eu tivesse nascido
 No seio da província, era fatal
 Que o meu sonho maior, o mais sentido,
 Seria triunfar na capital;
 E depois de julgá-lo conseguido,
 Voltar à terra natal
 E ser p'los conterrâneos recebido
 Com palmas e foguetes,
 Fanfarras, vivas e banquetes
 Na Câmara Municipal.

ARQUITECTURA

Um palácio da Academia Nacional das Belas Artes
MEMÓRIA ELUCIDATIVA E JUSTIFICATIVA

Prova de concurso para o lugar de professor da 4.^a cadeira da Escola de Belas Artes de Lisboa
24 de Agosto de 1933

Algumas palavras e o seu verdadeiro significado

Ao iniciar, há anos, o estudo de um problema que me tem merecido ultimamente uma muito particular atenção — a técnica das construções hospitalares — deparei, ao abrir um dos melhores tratados que sobre o assunto se tem escrito, com as seguintes palavras:

«La construction des Hôpitaux relève de la Science et non de l'imagination.»
Jayle et de Laverenne.

Na impossibilidade de me fixar exclusivamente nesse capítulo, embora reconheça que são em número ilimitado os conhecimentos e os ensinamentos que daí advêm para o profissional na sua aplicação ao estudo de todo e qualquer outro problema, tenho verificado quanta verdade encerra aquela frase e até que ponto ela justifica a directriz de todo o movimento e renovação da arquitectura contemporânea.

Com efeito, assim é, e muito mais recentemente ainda, a propósito da inauguração de um dos melhores edificios da França de hoje, a Imprensa de Bobigny, propriedade de «L'ILLUSTRATION», encontro entre a crítica às suas novas instalações, nos «ECHOS», duas linhas que explicam, com grande clareza a intenção com que, devem empregar-se duas palavras, às quais, só por ignorância ou maldade pode atribuir-se um sentido paradoxal. São elas — *modernismo e nacionalismo.*

Diz o seguinte a crítica dos «ECHOS»:

«Il n'y a plus actuellement dans le monde de grande réalisation possible, dans n'importe quelle branche de l'activité humaine, qu'après une étude internationale de la question...»

La technique, aujourd'hui, ne peut-être qu'internationale, mais son application, son interprétation ne le sont pas. Il convient de transposer toute invention, toute réorganisation aux proportions, aux besoins, en un mot au «climat» du pays auquel elles sont destinées.

Pénétration internationale, interprétation nationale, c'est tout le secret de l'harmonie du monde de demain.»

Na realidade, é difícil, sêr-se mais preciso.

O que se torna, porém, indispensável é que os architectos portugueses atinjam bem depressa o grau de prestígio a que têm todo o direito e por forma a poderem impor, dentro do sistema das grandes realizações a que M. Emile Schreiber se refere, todos os seus sensatos e modestos desejos ao serviço da arte nacional.

A arquitectura moderna em Portugal, só começará a interessar no dia em que, identificados todos os artistas, e conseguido o grau de prestígio a que me refiro, possa ser construído o primeiro dos grandes edificios que, de principio ao fim, seja de exclusiva responsabilidade do architecto, seu autor. De contrário, continuarêmos a verificar a insensibilidade de uma grande maioria na presença de um edificio moderno.

É frio, dizem.

E têm tóda a razão.

Porquê?

Porque o architecto seu autor, que vira, ali, um baixo relêvo, acolá um fresco, além uma estátua, e que viu tudo isto por uma necessidade de ordem estética *indiscutível*, verifica com mágua a mais absoluta das indiferenças por parte da entidade que o preferiu para a realização desta ou daquela obra, no que diz respeito a aplicação da mais insignificante nota decorativa.

E com a mania dos exageros dizem: mas não é isto a que vocês dão o nome de *racionalismo*? Esquecem justamente que quando êle se manifesta, tanto pode exigir grandes ou pequenos lisos como largas ou estreitas superfícies decoradas.

Como remediar êste inconveniente? Começando por educar, dentro de um sistema bem diferente, todos os alunos de uma escola de Belas Artes.

Architectos, pintores e escritores exigem, ainda dentro das Escolas, de uma educação colectiva e de um sentido de colaboração totalmente diferente daquele que, até êste momento, só tem contribuído para os afastar e para que, pela vida fora não só se desconheçam, como ignorem reciprocamente as suas possibilidades e a sua sensibilidade estética.

É tão indispensável que ao sair da Escola uma fornada de artistas, architectos, pintores e escultores, saiam com a certeza de poderem *colaborar* à primeira chamada, como começar por impôr ao cliente o dever e a obrigação de acatar uma tal colaboração sempre que ela se torne imprescindível por expressa determinação do seu ou dos seus autores.

Decorar um edificio só para dar que fazer aos pintores e aos escultores, seus camaradas, é humilhante, não é digno, e é deshonesto. Nesse caso, antes os grandes lisos.

Que sejam chamados a colaborar só quando de facto essa necessidade se imponha e a sua presença seja imprescindível.

Se a educação estética de meia dúzia de gerações sucessivas fôr feita com cuidado, bom senso e um grande sentido de equilibrio, ainda que tóda a tendência seja de «simplificação» a palavra *utilitarismo*, em arte, deixará certamente de ter o significado depreciativo que ora lhe atribuem, para traduzir um poder de síntese que só o estudo internacional do problema proposto e o conhecimento profundo da maneira como em todos os tempos êle se procurou resolver, pode imprimir-lhe. *Modernismo* não é outra coisa.

Só então será possível procurar a solução nacional.

Para isso é indispensável:

- 1.º — Ser-se português.
- 2.º — Não ignorar que Portugal está compreendido entre 42º e 9' — 36º e 57' de latitude norte, 6º e 10' — 9º e 30' de longitude Greenwich.
- 3.º — Ter a certeza de que só Portugal está compreendido dentro daqueles limites e que só é português aquele que continuamente depende das condições naturais por êles impostas. Nacionalismo não é outra coisa.

Por outras palavras:

MODERNISMO é o estado de consciência proveniente do conhecimento exacto da hora em que uma pessoa viu a luz do dia.

NACIONALISMO é o estado de consciência proveniente do conhecimento exacto do *lugar* onde uma pessoa veio a êste mundo.

CARLOS RAMOS

Arquitecto

ESPIRITO CLASSICO

*Trecho da conferência realizada pelo architecto Pardal Monteiro
na Sociedade Nacional de Belas Artes*

Se aceitarmos, sem grande esforço, que o architecto é o artista que se dedica à resolução dos problemas da Architectura e que esta Arte, por ser de todas a mais imediatamente necessária ao homem, não pode deixar de dar satisfação material e espiritual a esta coisa séria que é a Vida, implicitamente aceitamos que não faz sentido que o ensino dos futuros architectos se faça à margem das realidades, como se o homem fôsse um puro espirito e neste caso, ainda assim, plenamente satisfeito com as suas conquistas, sem ância de melhorar ou de variar.

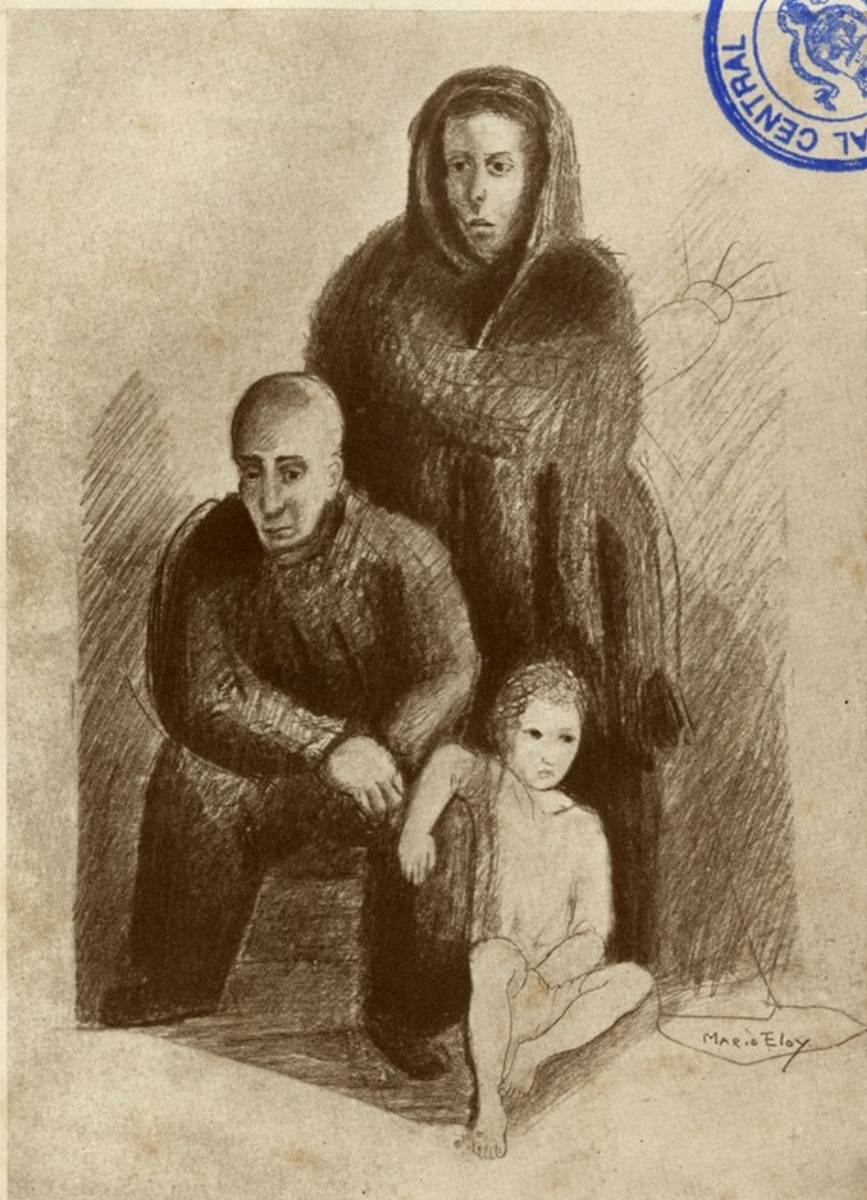
Admitido sem repugnância, o architecto, há que definir exactamente o seu papel na Sociedade. Mas, para bem abordar o problema é necessário definir perfeitamente qual a verdadeira função social do architecto; estudar em que condições técnicas e culturais deve ser realizada a sua formação; quais as armas que a Sociedade, que êle deve servir, lhe põe nas mãos, para desempenhar eficazmente o seu papel e quais são, também, as razões e os obstáculos que se opõem, continuamente, à perfeita realização dêste programa.

O architecto é, antes de tudo, um organizador de espaços e um criador de ordem. Esta função, cumprida à custa de todos os factores técnicos, económicos e sociológicos, deve ser regulada, para que seja completa, pela aptidão natural de criar beleza, não por formas abstratas, incompatíveis com a essência das realizações, mas, pelo contrário, concretas, que sejam a expressão exacta das multiplas necessidades, inteira e normalmente satisfeitas. Ao architecto põem-se diariamente problemas variados, multiplos, complexos, mas constantemente em contacto directo com a vida. Que digam respeito à saúde pública, à hygiene, ao ensino, ao trabalho, à distracção ou ao espirito, é sempre com a vida, e o seu desenvolvimento natural que o architecto tem, constantemente, que se entender.

Por todas as manifestações de todos os factos e das suas repercussões na sociedade e no individuo, o architecto é conduzido à observação e ao estudo que hão-de influir seriamente na interpretação dos problemas que é chamado a resolver, de modo a dar-lhes plena satisfação. Mas, o seu poder de realização e de interpretação, muitas vezes esclarecedor e comentador, é tanto maior quanto mais profundamente o architecto tiver estudado os problemas resolvidos por outras sociedades anteriores e compreendido, na apreciação das realizações materiais contidas neste imenso museu que é o Mundo, as condições políticas, religiosas, biológicas e económicas cujos ideais se exprimiram, indelêvelmente, em manifestações de espirito artístico. E, destas manifestações, a Architectura é, ainda, a que melhor transporta até nós o pensamento e o modo de ser das sociedades anteriores.

Da sua análise conclue-se que ela, a Arte Máxima, é afinal uma e sempre a mesma, por mais diversas que sejam as suas materializações. O seu espirito é hoje o mesmo que dominou os architectos da Antiguidade e da Idade Média e dá aos architectos de hoje a fé que os há-de conduzir a realizar, forçosamente, a obra que melhor se adapte ao nosso tempo, e que será perfeita se fôr inteligentemente encarada, desde a Escola.

Por isso, comprehendem V. Ex.^{as} quanto o estudo dos problemas que se relacionam com o ensino da architectura apresenta uma séria oportunidade de



FUTURO

MARIO ELOY

discussão que não é para desprezar. E quando falo de ensino não quero, apenas, referir-me ao das Escolas de Belas Artes, mas também àquele que nelas, ou fora, se fez e se há-de fazer cada vez mais, quer durante, quer após o curso oficial.

Se me atrevo a falar neste assunto, não suponham V. Ex.^{as} que o faça porque me julgue mais apto do que qualquer outro a ensinar. Faça-o porque julgo que é oportuno tratá-lo perante os estudantes da Escola de Belas Artes, dando, com prazer, a minha contribuição para ajudar a esclarecer o seu espírito ansioso de saber, e ainda porque nenhum architecto de hoje tem o direito de ficar indiferente quanto à preparação dos architectos de amanhã.

* * *

Direi, para iniciar a exposição dos meus pontos de vista, que entendo que se para ser architecto é necessário possuir *cultura* e *vocação* de architecto, uma primeira obrigação se impõe a quem ensina architectura: *melhorar essa cultura e educar essa vocação*.

Para isso é, porém, indispensável que entre o discípulo e o mestre exista aquele natural acôrdo que permite atingir, pela architectura, o ideal a que aspiramos.

Essa concordância íntima entre o espírito do mestre e o do discípulo, a afinidade necessária que conduzirá à formação completa da mentalidade do futuro architecto, são a condição essencial para o bom resultado do ensino. Mas, ainda assim, quando a afinidade não fôr completa, o ensino pode, ainda, ser eficaz, desde que o mestre tenha o espírito largo e aberto à compreensão da sensibilidade dos discípulos, e se fôr capaz de sugeitar-se a ela para que se desenvolva em tôda a sua fôrça e não procurando submetê-la à sua, muito pessoal e respeitável, mas própria e intransmissível.

Neste ramo de ensino a diferença entre o professor de Architectura e o das outras matérias accessórias consiste em que aquele deve condensar ou fazer uma série crítica da aplicação de todos os conhecimentos dispersos do aluno, crítica objectiva, racional e filosófica, com o fim de obter, pela intelligência e a alma do aluno, a compreensão da harmonia e do equilibrio nas novas concepções. E esse ensino será seguramente eficaz se os mestres de todas as outras disciplinas se não esquecerem nunca de que o architecto é essencialmente um «compositor», que tem, como tal, uma missão social, importantíssima, a desempenhar. Tal como na própria Architectura, no seu ensino há uma escala a respeitar.

O fim primordial da escola é o de familiarizar o aluno com problemas variados e o de habituá-lo a traduzir os programas mais diversos, mas que devem ser sempre claros e de texto curto, para deixar ao aluno tôda a liberdade de expressão. A Escola deve tender a desenvolver as faculdades de imaginação e de crítica do futuro compositor, tendo sempre em vista que o architecto ao conceber o seu plano procede do geral para o particular, do conjunto para o pormenor, e que por isso na acção do mestre junto do aluno, aquele nunca deve esquecer que o architecto só pode criar em liberdade de consciência, sem peias de ordem artística, ou regulamentar, ao seu talento. O que não quer dizer, porém, que o ensino se faça sem obediência a regras. Ensinar sem princípios, nem directrizes, não é possível. Mas, esses princípios e directrizes devem servir, neste caso, mais ao mestre do que ao discípulo. O perigo está, apenas, em não haver, as mais das vezes, convicção na solidez desses princípios e em aceitar, sem grande anciedade de compreensão, teorias e regras cujo espírito é quasi sempre o melhor, mas cuja interpretação não nos chega a procurar.

E a má interpretação duma boa regra, conduzir-nos-há sempre a resultados opostos dos que pretendemos.

Assim, por exemplo, é corrente ouvir-se dizer que sem a base dos estudos clássicos não será nunca possível a um architecto ser perfeito na solução dos problemas contemporâneos. Eis uma afirmação respeitável à volta da qual se tem estabelecido, no entanto, uma enorme confusão que convém esclarecer, e a que dão origem diversas causas: A principal é a da errada interpretação do que é, na verdade, clássico, confundindo-o quasi sempre, senão sempre, com aquilo a que se chama académico. O espirito clássico, aquele que ressalta da essência das soluções da antiguidade, é coisa mal compreendida quasi sempre quer pelos que o defendem quer pelos que o atacam. Fala-se, supondo tratar-se daquele, doutra coisa que mais respeita à forma, ou às formas resultantes das realizações clássicas, ou seja à expressão material e decorativa do estilo.

Em vez de análise dos diversos estilos, da interpretação filosófica das suas soluções, da observação das suas características técnicas e artísticas que conduziram à explicação natural do espirito de cada nova architectura, — análise, interpretação e observação difíceis — cometeu-se em certa altura o erro de, por comodismo, levar a Architectura para um campo que já não era o da Arte, impondo o conhecimento — quasi de memória — dum determinado alfabeto cujos caracteres fôsem colunas, entablamentos, frontões, porticos, nichos, — imagens, em suma — formas cujo espirito se não cuidava de comprehender e que constituíam a base de toda a composição architectónica. Era com elas que, não há ainda muitos anos, o architecto se treinava no exercicio de conseguir «efeitos» architectónicos, resolvendo, com maior ou menor «habilidade», os mais variados «puzzles».

O architecto indifferente ou apaixonado por essas belas formas era então considerado mais ou menos artista segundo a riqueza do seu abecedário e a conseqüente facilidade de conjugação fôsse maior ou menor.

Espirito clássico, no bom sentido, razão de ser, justificação dos motivos ou dos elementos, esclarecimento da forma e da função, sentimento architectónico integral, não mereciam as honras de ser considerados. Dir-se-ia serem coisas estranhas à Arte. O academismo, impulsor de diversas escolas que fizeram furor nas últimas gerações de architectos, deu-nos, assim, um formalismo de architectura que negava o próprio classicismo em que pretendia basear-se. É que aquilo a que chamavam, erradamente, espirito clássico, afinal não residia na essência da composição, no seu equilibrio real, no racionalismo e na lógica do partido ou na concordância dos seus elementos, mas nos efeitos obtidos à custa de formas consideradas pelo seu lado convencional e meramente decorativo, inspiradas num original que foi uma criação autêntica e applicadas como desenho, como pintura e, quantas vezes, como máscara, no arranjo duma composição, cujo espirito era por via de regra, a antítese daquele em que illusoriamente se inspirava.

Aquele formalismo conduziu os architectos para um idealismo artístico-decorativo, em que os elementos essenciais da Architectura chegavam a ser conjugados como simples ornamentos. E assim a architectura não podia deixar de cair em soluções deploráveis, que haviam de provocar a necessária reacção.

(Continua)

ATLANTIDA

Geografia antiga

do livro inédito ERRIDANIA

Entendeu Platão dar um exemplo do que seria uma organização social perfeitíssima, na paz e na guerra.

Foi achar o modelo na organização civil e militar dos antigos athenienses, primeiro ciclo da história d'este povo, ciclo, aliás, desconhecido deles próprios, mas cujas tradições se conservaram no Egito.

Era tão perfeita a organização d'estes athenienses doutrora, diz Platão; era nêles tão grande a força do ideal anteriormente ao dilúvio de Deucalião que, a-pesar-de medianos em população e riquezas, conseguiram vencer e libertar os povos do Oriente do jugo dos potentísimos atlantes que em hordas chegavam do mais longínquo Ocidente.

Os atlantes — para que bem sobresaia o valor da organização atheniense ou da Attica — são descritos por Platão como o povo mais poderoso e o mais numeroso. Nos seus edifícios predominava o ouro, a prata e o *oiricalco* (metal hoje desconhecido, e que tinha reflexos de fôgo). Eram justos, outrora; mas nêles o princípio humano sobrepôs-se ao princípio divino e corrompeu-lhes a alma. E por isso os athenienses, se bem que poucos mas sóbrios e morais, os derrotaram.

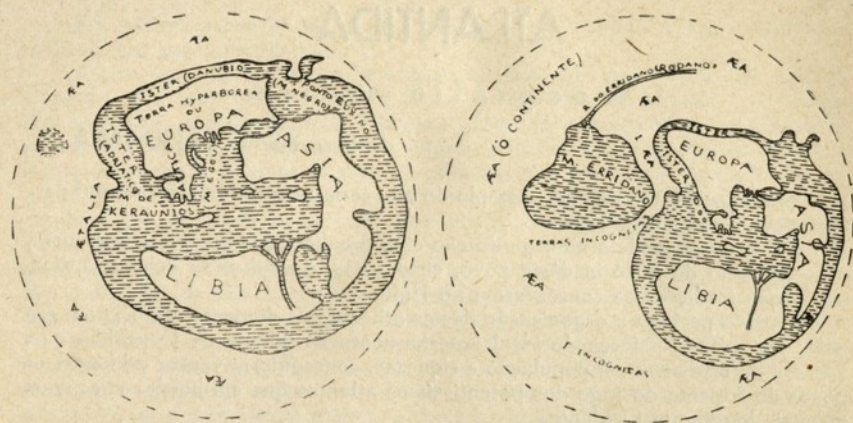
A metrópole atlante era a ilha do Atlas ou ilha Atlântida, — ilha mais vasta, diz Platão, que a Líbia e Ásia reunidas, ou seja que a Ásia Menor e o Egito, de conjunto. Mas o império ia mais longe, pois que, pela África, chegava até ao Egito, e pela Europa à Thirrénida.

Os athenienses concitaram contra o jugo dos atlantes a multidão dos povos subjugados e, pondo-se à frente de todos êles, libertaram o Oriente do terrível invasor ocidental.

Tendo voltado os athenienses à Attica, e os atlantes à sua ilha do Atlas, sobrevieram séculos de paz. Até que, certa vez, adveiu ao mundo um terrível cataclismo que fez na Attica afundar pelo chão a dentro, num dia e numa noite, apenas, as populações e os exércitos; e êste chão ser depois inundado pelas águas, enquanto na outra extremidade do mar a ilha Atlântida se afundava também. Mas esta afundava-se para sempre com a sua civilização material e luzenta como o ouro.

Estas notícias não ficaram entre os gregos mas entre os egipcios porque, dizia o sacerdote de Saís a Sólon, do cataclismo que adviera à Attica só se tinham salvo os camponeses recolhidos ao cimo dos montes, os quais, não sabendo escrever, perderam disto a lembrança. O homem inculto pode apenas transmitir os nomes próprios das pessoas; por isso os nomes que os egipcios sabiam dos personagens atlantes eram ainda usados na Grécia, ao tempo de Sólon. O Egito poderá continuar as tradições da luta atheno-atlante por motivo do seu privilégio geográfico, sempre a salvo dos dilúvios, devido ao modo como o rio Nilo se alimenta das fontes subterrâneas, dizia o sacerdote de Saís.

É erro vulgar supor que o desaparecimento num dia e numa noite se refira à ilha do Atlas quando afinal nitidamente se refere aos exércitos da Attica. Como é erro, também, julgar que o modelo apresentado de república ideal fôsse a Atlântida ela-própria. Esta surge no relato de Platão apenas como subsi-



ERA DA CONTINENTALIDADE
 PERIODO COMPACTO PERIODO ERRIDANICO

dio para a história da famosa organização de Athenas O desenvolvimento do poderio material da Atlântida é posto para fazer realçar a bela organização militar dos gregos antigos, anteriores ao dilúvio de Deucalião.

De resto, o Oriente divino vencia assim o poderoso Ocidente profano — tal o espirito pode vencer a matéria.

Eis o que Platão quiz ensinar aos gregos através uma narração verídica, sem dúvida, mas convenientemente exagerada.

As tradições desta grande luta entre o Oriente e o Ocidente não figuram apenas em Platão. Êste filósofo reproduziu as tradições tais elas corriam no Egipto, e donde constava para a grande ilha o nome de Atlas, e para a da nação vencedora o nome de Attica.

Já os gregos possuíam tradições idênticas, mas em que os nomes eram outros. — O que eram as famosas discussões, em séculos anteriores, acêrca da existência e da posição da *ilha de Aea* — por vezes continente de Aea — senão o mesmo caso da ilha e continente da Atlas (ou Aetlas)?!... Sem me referir, ainda, à ilha de Aea e império do Aetesso, encontro como alusão à invasão da Europa pelo terrível povo do Ocidente, proveniente da extra Europa, o que diz Eliano ao reproduzir Theopompo.

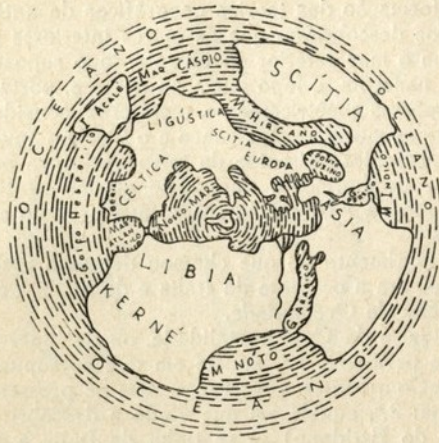
Convém saber que a Europa nêsse tempo era apenas restrita à Península dos Balkans.

Em Eliano os invasores ocidentais não eram procedentes de ilha alguma, mas dum continente ocidental, o *Continente* por excelência, o único que se supunha existir então, (a Europa, a Ásia e a Libia eram — as «ilhas» — no meio dum mar interior, cercado pelo dito continente) e que abrangia a Terra em redondo.

A Itália já era considerada uma parte do dito Continente envolvente.

A ocidente da Itália nada mais se conhecia, nem mesmo se pressentia a existência do mar Thirreno, não se supondo, por isso, o carácter insular, ou peninsular, da Itália.

Ora isto era em Eliano; mas em Platão, que reproduz o egipcio de Saís, está denunciado êsse carácter insular, e portanto a metrópole dos invasores se



ERA DA OCEANILIDADE

denomina a «ilha» do Atlas. Todavia é maior que a Libia e a Ásia reunidas. Aqui reminiscências das tradições do «Continente» envolveror da terra.

De imponderáveis vou expôr um sistema de conceitos geográficos da antiguidade que ajudará a resolver, de maneira nítida, alguns problemas de geografia antiga, e, muito especialmente, o que toca ao problema da Atlântida.

Houve tempo em que os homens supunham a existência no mundo de mais terras que águas (a água era a excepção), seguido doutro tempo em que supuzeram precisamente o contrário, isto é, que haveria mais águas que terras firmes, (a terra, neste caso, era a excepção).

Na primeira hipótese, julgada certa, os continentes conhecidos eram considerados «ilhas» que emergissem dum mar ou oceano por sua vez rodeado do «continente» intermino — aquele que tinha, por excelência, o nome de *Aea*, isto é, o «continente» ou «Terra».

Na segunda hipótese, mais moderna, o orbe das terras firmes e com seus mares interiores, seria rodeado do oceano intermino.

Pressentem-se estas duas épocas na literatura dos gregos como se presente a sua cronológica sucessão.

Pois êsses dois conceitos, sucedendo-se, marcam os dois periodos, ou fases, em que se dividem os primeiros séculos da cultura geográfica: 1.º, o período da *Continentalidade*; 2.º, o período da *Oceanidade*.

Dar-lhe-ei, ainda, respectivamente, os nomes de *hiper-terra* e *hippo-terra*; isto é, suposição de excesso de continentes, e suposição da sua mingua em relação aos oceanos.

Passou-se do pensamento hiper-têrrico para o hippo-têrrico, após o descobrimento, ou notícia havida, das costas ocidentais da Europa e da África. O vasto oceano que se patenteava em frente destas costas ensinava que nada mais havia a esperar senão águas e céu. E que assim deveria ser ao redor do orbe, tudo águas e céu, ensinava-o ainda o profundo sentimento simetrista da natureza humana. Com efeito, o homem, onde não sabe resolve por comparação e simêtricamente. Quando conhece as coisas dum lado e não as conhece do outro, resolve êsse outro lado por comparação. Êste sentimento simetrista tem

alta importância na formação das teorias geográficas da antiguidade. Quando certo dia os geógrafos descobriram que os mares interiores tinham ao poente uma comunicação com o mar exterior envolvente, logo supuzeram outra comunicação simétrica do nascente, e logo outra ao norte e, portanto, outra ao sul. Por quatro bôcas dispostas simètricamente, e em cruz, consideraram os antigos as comunicações entre os mares mediterrâneo e o Oceano envolvente. O apuramento da hipotética redondeza discoide da terra, resultava menos da observação da linha circular do horizonte que dêste mesmo sentimento simetrista. Assim, o contornamento da África pelo sul, estava previsto antes de ser visto.

Mas com o descobrimento do que chamou depois o Oceano Atlântico (o primeiro mar Atlântico era a ocidente da Itália e da Sicília) começa a segunda idade da Cultura, a *Era da Oceanidade*.

A Era mais antiga, a da Continentalidade, ou da hiper-terra, pode ainda desdobrar-se em dois períodos: 1.º, aquele em que se supunha a Itália como parte integrante do «Continente» envolvente, sem se pressentir que ela fôsse uma ilha ou quasi-ilha; 2.º, aquele em que vindo a descobrir-se o mar a Ocidente da Itália (mar do Erridano) já se tinha da Itália a noção de ilha ou quasi-ilha, projectando-se, então, o «Continente» para a Península ibérica, cujas costas de Oeste se não conheciam ainda, nem se pressentiam tão pouco.

O primeiro merece o nome de período da Continentalidade compacta, e o segundo o de período da Continentalidade *erridânica*.

Ora verifica-se que as tradições da Atlântida datam da Era da Continentalidade. Em Platão, da Era da Continentalidade erridânica; em Eliano (que adute a tempos mais antigos) da Era da Continentalidade compacta.

Em Eliano não estava ainda descoberto o carácter peninsular da Itália, por isso se lhe chama Continente, mas em Platão já estava, e por isso se lhe chama «ilha» Atlântida.

Platão apresenta a Atlântida envolvida pelas «ilhas» (que são em Eliano a Europa, a Ásia e a Líbia) e estas, finalmente, cercadas pelo «Continente». Da Atlântida passava-se para o Continente através das «ilhas».

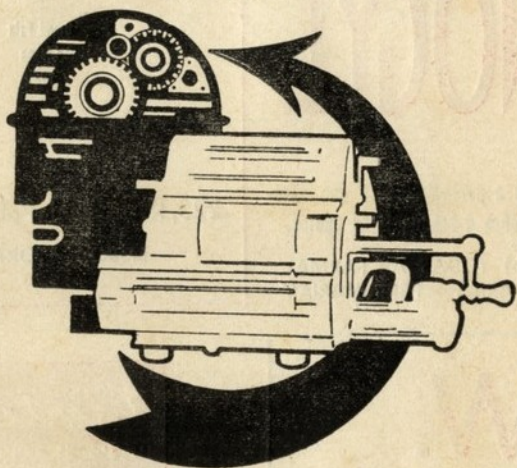
— Qual é, portanto, a posição da Atlântida? — É a dentro do Continente envolvente, no mar interior em que sobressaem as «ilhas» — Europa, Ásia e Líbia. Está central a todas elas, e delas se passa para o Continente envolvente.

(*Continua*)

MÁRIO SAA

A maquina de calcular

BRUNSVIGA

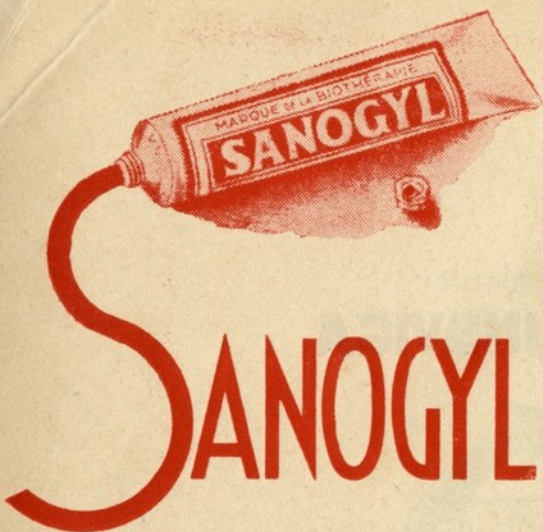


O CEREBRO DE AÇO

AGENTES:

Lisboa
Dunkel & Antunes Lda.,
R. Augusta 56
Telef. 2 4231

Porto:
Carlos Dunkel,
R. do Bom Jardim 81
Telef. 1013



O SANOGYL é a pasta dentífrica que assegura a higiene da boca e branqueia os dentes.

Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS — DROGARIAS — PERFUMARIAS

TELEFONE 4 2909

Vitrais e Mosaicos d'Arte

RICARDO LEONE

Medalha d'ouro	Grand Prix	Grand Prix
Milão	Rio de Janeiro	SEVILHA
1920	1923	1929
	Grand Prix	
	Lisboa	
	1932	

CASA FUNDADA EM 1905

225, R. da Escola Politecnica, 229

LISBOA — PORTUGAL

S. W.

S. W.

STEWART WARNER

O MELHOR RECEPTOR
DA ACTUALIDADE

ESTAB. VALENTIM
DE CARVALHO

RUA NOVA DO ALMADA, 97

LISBOA

Contra a humidade e o salitre :

SALITROL
CASTOR
LAPIDOLITH

SW

sai no 1.º de cada mês

SW

estabelece novas condições de assinatura para facilitar a sua divulgação

Edições

SW

PUBLICA BREVEMENTE
Teatro de ALMADA NEGREIROS:

Deseja-se mulher

3 actos

1 prologo e 7 quadros (Madrid 1928)

S. O. S.

3 actos

1 prologo e 5 quadros (Madrid 1929)

SW

5\$00